

**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

CAMILA FREIRE DE SOUZA AMARAL

**OFICINAS DE APRENDIZAGENS E ESTÍMULO A COGNIÇÃO
DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NA
ASSOCIAÇÃO VITÓRIA DOWN**

**SÃO MATEUS-ES
2022**

CAMILA FREIRE DE SOUZA AMARAL

OFICINAS DE APRENDIZAGENS E ESTÍMULO A COGNIÇÃO
DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN
NA ASSOCIAÇÃO VITÓRIA DOWN

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. (PhD) Márcia Moreira de Araújo.

SÃO MATEUS-ES

2022

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Centro Universitário Vale do Cricaré – São Mateus – ES

A485o

Amaral, Camila Freire de Souza.

Oficinas de aprendizagens e estímulo a cognição de crianças com Síndrome de Down na Associação Vitória Down / Camila Freire de Souza Amaral – São Mateus - ES, 2022.

99 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Centro Universitário Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2022.

Orientação: prof^a. Dr^a. Márcia Moreira de Araújo.

1. Alfabetização. 2. Aprendizagem. 3. Crianças - Recreação. 4. Down, Síndrome de. I. Araújo, Márcia Moreira de. II. Título.

CDD: 371.92

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

GAMILA FREIRE DE SOUZA AMARAL

**OFICINAS DE APRENDIZAGENS E ESTÍMULOS À COGNIÇÃO
DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NA ASSOCIAÇÃO
VITÓRIA DOWN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação, do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 08 de dezembro de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



MARCIA MOREIRA DE ARAUJO
Data: 14/12/2022 15:33:06-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dra. Márcia Moreira de Araújo
Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC)
Orientador (a)

Documento assinado digitalmente



KATIA GONCALVES CASTOR
Data: 14/12/2022 17:42:52-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dra. Kátia Gonçalves Castor
Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC)

Documento assinado digitalmente



DENIZE MEZADRI DE ALMEIDA
Data: 14/12/2022 15:27:13-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dra. Denize Mezadri de Almeida
Faculdade Multivix Vitória (MULTIVIX)

Dedico a minha mãe, Maria Sônia, estou realizando um sonho nosso, só possível, pois permanece uma parte sua em mim que carrega os ensinamentos que me deixou. Por isso agradeço a você que apesar do intenso desejo de presenciar este momento e da imensa torcida pelo meu triunfo, por algum motivo da vida não está mais ao meu lado, mas permaneceu para sempre em meu coração, meu amor por você nunca terá fim. Te amo pra sempre!

Ao meu pai, Antônio Guido, por todas as orações e apoio. Ao meu marido, Thander Lau, por me apoiar e me proporcionar cursar o Mestrado, por seu amor, companheirismo, compreensão e incentivo de sempre. E por fim, mas não menos importantes aos meus grandes amores, meu filho João Vitor e minha filha Luma, amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a DEUS, por permitir que eu alcance algo tão grande, mais um objetivo alcançado, cursar o Mestrado. Por sempre realizar os sonhos mais íntimos do meu coração, pela sua infinita misericórdia e pelos seus planos em minha vida que sempre foram grandes. Sou grata a ELE por tudo, por sempre me honrar de uma maneira que nunca me acostumo, pois sempre sou surpreendida pelo SENHOR em sua infinita bondade. *“Em todas as ocasiões daí graças a Deus. Esta é a vontade de Deus a respeito de vós em Cristo Jesus.” (1 Tessalonicenses 5,18).*

Pelo amor da minha mãe (em memória), e pelo seu incentivo que desde o primeiro momento que contei para ela sobre a possibilidade de cursar o Mestrado, ela disse você vai conseguir minha filha, e ao meu pai que sempre me apoia com orações e com todo apoio que preciso sem nunca deixar faltar o principal “Amor”. Gratidão!

Agradecer ao meu amor, meu esposo, meu melhor amigo, confesso que é difícil, pois se trata da pessoa que mais me apoia em tudo que eu faço, que mais uma vez me apoiou e me proporcionou a realização deste sonho. Muito obrigada por tudo sempre!

Aos meus filhos João Vítor e Luma, por todo respeito ao meu momento de ausência mesmo estando presente, estamos vencendo meus amores, essa vitória é nossa. Mamãe louva a DEUS por suas vidas, amo vocês.

À minha orientadora que foi um divisor de águas na minha vida nos últimos meses, aquela que quando eu pensei não vai dá, ela disse estamos juntas você consegue. Querida professora Dra. Márcia Moreira de Araújo, sou grata por tudo, por ter sido a melhor orientadora que eu poderia ter, pois você foi providencia de DEUS na minha vida não tenho dúvidas, por ter sido psicóloga, terapeuta, amiga, humana, sempre gentil e amorosa. Meu muito obrigada!

À minha amada sobrinha Ana Clara por estar sempre pronta a me ajudar sempre que preciso, por toda sua doçura e carinho nas palavras de motivação. Obrigada minha filha por me todo seu apoio.

Às minhas professoras de graduação e amigas, professora Dra. Dorcas Recaman, e a professora Dra. Lilian Menenguci por todo apoio, e torcida, por toda generosidade que sempre tiveram em atender minhas solicitações.

Meu sincero agradecimento, a Associação Vitória Down, à direção e toda equipe de profissionais que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, aos usuários e seus familiares por todo apoio e participação, gratidão.

*Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas.
Pessoas transformam o mundo.*

Paulo Freire

RESUMO

A temática da pesquisa se deu a partir da necessidade de abordar a importância da alfabetização para o desenvolvimento e autonomia de crianças com síndrome de Down, trata-se de um estudo de caso, com elementos de intervenção, desenvolvida a partir de oficinas, classificada como pesquisa qualitativa, a metodologia a ser utilizada nesta pesquisa se dará por meio de visita a Associação Vitória Down, observação da participação das crianças com síndrome de Down e seu desenvolvimento por meio das oficinas, participação em oficinas, entrevista, e questionários. Dito isso e, nessa conjuntura, a problemática desta pesquisa visa explorar como as oficinas de aprendizagem desenvolvidas na Associação Vitória Down estimulam a cognição, desenvolvimento e independência das crianças com Síndrome de Down, ademais, tratara como objetivos identificar aspectos lúdicos das oficinas que podem ser usados como ferramentas para a alfabetização, descrever a trajetória de aprendizado de crianças com Síndrome de Down e possibilidades afirmativas para a efetivação do processo de alfabetização, assim como apresentar a perspectiva dos sujeitos da pesquisa acerca da alfabetização de crianças com síndrome de Down e seus entraves. O sustentáculo teórico dessa dissertação abarcou os trabalhos intelectuais e acadêmicos de Paulo Freire (1996), Camila de Velasco e Vieira (2021), Thaís Nascimento Oliveira (2016), Adriana Cristina Albergaria Fonseca (2021), Aline Nathalia Marques (2016), Cláudia Madalena Feistauer (2014), Maria Teresa Eglér Mantoan (2003), Marli André (2006), Lev Semionovitch Vygotsky (1991), Edluci Mathias Santos (2021), Gabriela Molina Moura (2021), Rosa Maria Pascoali (2001) e Maria Karolina de Macêdo Silva (2010). O aspecto metodológico do estudo caracteriza os instrumentos de coleta de dados, o campo de investigação e os sujeitos participantes, simultaneamente, em que trarei os dados coletados ao longo da investigação e suas respectivas análises. Foram realizadas visitas à Associação Vitória Down com objetivo de observar e vivenciar junto aos usuários os resultados alcançados por meio das oficinas e assim coletar os dados, ademais, foi realizada uma entrevista com alguns colaboradores e um questionário aplicado para alguns familiares o que também foi de grande valia.

Palavras-chave: Alfabetização; Aprendizagem; Lúdico; Síndrome de Down.

ABSTRACT

The research theme arose from the need to address the importance of literacy for the development and autonomy of children with Down syndrome, this is a case study, with elements of intervention, developed from workshops, classified as qualitative research, the methodology to be used in this research will be through a visit to the Vitória Down Association, observation of the participation of children with Down syndrome and their development through the workshops, participation in workshops, interviews, and questionnaires. That said, and at this juncture, the problematic of this research aims to explore how the learning workshops developed in the Vitória Down Association stimulate the cognition, development, and independence of children with Down syndrome. Furthermore, it will aim to identify playful aspects of the workshops that can be used as tools for literacy, describe the learning trajectory of children with Down syndrome and affirmative possibilities for the effectiveness of the literacy process, as well as present the perspective of the research subjects about the literacy of children with Down syndrome and its obstacles. The theoretical support of this dissertation encompassed the intellectual and academic works of Paulo Freire (1996), Camila de Velasco e Vieira (2021), Thaís Nascimento Oliveira (2016), Adriana Cristina Albergaria Fonseca (2021), Aline Nathalia Marques (2016), Cláudia Madalena Feistauer (2014), Maria Teresa Eglér Mantoan (2003), Marli André (2006), Lev Semionovitch Vygotsky (1991), Edluci Mathias Santos (2021), Gabriela Molina Moura (2021), Rosa Maria Pascoali (2001), and Maria Karolina de Macêdo Silva (2010). The methodological aspect of the study characterizes the data collection instruments, the field of investigation, and the participating subjects, simultaneously, in which I will bring the data collected throughout the investigation and their respective analyses. Visits were made to the Vitória Down Association in order to observe and experience with the users the results achieved through the workshops and thus collect data, in addition, an interview was conducted with some collaborators and a questionnaire applied to some family members which was also of great value.

KEY-WORDS: Literacy; Learning; Playfulness; Down's Syndrome.

LISTA DE SIGLAS

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
ASDOWN	Associação Down
DNA	DeoxyriboNucleic Acid
IAR	Relatório de Avaliação Inicial
IFES	Instituto Federal do Espírito Santo
IMDSD	Inclusão por Mídias Digitais de Pessoas com Síndrome de Down
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacional Anísio Texeira
NAPNE	Plano Educacional Individualizado
PROLEC	Provas de Avaliação dos Processos de Leitura
SD	Síndrome de Down
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
T21	Trissomia do Cromossomo 21

SUMÁRIO

Figura 1 – Associação Vitória Down.....	48
Figura 2 – Apresentação do livro que foi abordado.....	49
Figura 3 – Contação de história	52
Figura 4 – Contação de história	53
Figura 5 – Jogo da memória utilizado na atividade	54
Figura 6 – Realização da atividade pelas crianças	55
Figura 7 – Realização da atividade pelas crianças	55
Figura 8 – Realização da atividade pelas crianças	56
Figura 9 – Realização da atividade pelas crianças	57
Figura 10 – Realização da atividade pelas crianças	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA	17
1.2 OBJETIVOS	18
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	18
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
2 REVISÃO LITERÁRIA	19
3 REFERENCIAL TEÓRICO	26
4 METODOLOGIA	39
4.1 TIPO DE ESTUDO	39
4.2 LOCAL DE ESTUDO.....	40
4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	40
4.4 PRODUÇÃO DE DADOS	42
4.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	43
4.6 DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERENCIAS	63
APÊNDICES	65
APÊNDICE A – PLANO DE AÇÃO	65
APÊNDICE B – ENTREVISTA	70
APÊNDICE C – QUESTIONARIO	71
APÊNDICE D – PRODUTO EDUCACIONAL.....	73
ANEXOS	89
ANEXO A – DECLARAÇÃO.....	89
ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE...90	
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PROFISSIONAIS	91
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PAIS.....94	
ANEXO E – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	97

1 INTRODUÇÃO

Me nome é Camila Freire de Souza Amaral, natural de Mucurici, interior do estado do Espírito Santo, onde vive até os meus 5 anos, depois disso minha família se mudou para a cidade de Serra na grande Vitória – ES em busca de oportunidade de emprego, e aqui vivemos até hoje. Tenho 38 anos resido em Morada de Laranjeiras/Serra, sou casada há 20 anos, mãe duas crianças um menino de 12 anos e uma menina de 8 anos, minha família é sem dúvidas o maior motivo pelo qual busco a cada dia alcançar meus objetivos.

Sou graduada em pedagogia pela faculdade Doctum de Serra / ES, e pós graduada, em Educação Especial e inclusiva, e, em Séries Iniciais com Ênfase em Alfabetização, ambas pela Faculdade Fabra, também localizada na cidade de Serra / ES.

Durante minha jornada acadêmica tive a oportunidade de visitar a Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Síndrome de Down do Espírito Santo, Vitória Down, posso dizer que foi a partir desse momento que comecei a pensar em um trabalho futuro voltado para, a, importância do lúdico na fase de alfabetização de crianças com Síndrome Down.

Tenho alguns motivos que justificam meu ingresso no curso de Mestrado do Centro Universitário Vale do Cricaré, mas sem dúvidas os dois mais importantes são, a possibilidade de realizar uma pesquisa sobre, a importância do lúdico na alfabetização de crianças com Síndrome Down e, o segundo, é a busca de capacitação, e conhecimento que me possibilite oportunidades profissionais.

Sempre trabalhei na área administrativa de empresas, porém há alguns anos estou fora do mercado, pois estava me dedicando a minha família, uma vez que meus filhos estavam pequenos e precisando dos meus cuidados. Durante esse tempo de dedicação a minha família, aproveitei para estudar também e, assim, fiz minha graduação em pedagogia, e duas pós-graduações na área, e nessa busca por conhecimento, e capacitação, ingressei no curso de Mestrado do Centro Universitário Vale do Cricaré.

Acredito que através da informação, e divulgação no que diz respeito, ao lúdico e seus benefícios na vida escolar de crianças com Síndrome Down as pessoas consigam entender melhor e lançar mão dessa prática que, além de prazerosa, exerce forte contribuição na alfabetização, e desenvolvimento das crianças.

A pesquisa, terá a alfabetização de crianças com deficiência como temática central, especialmente no processo de formação da criança com Síndrome Down, visando investigar e compreender a importância da alfabetização. Ademais, o processo de alfabetização contribui para o desenvolvimento de qualquer criança, inclusive da criança com Trissomia do Cromossomo 21 (T21), mais conhecida como Síndrome de Down.

A pesquisa foi realizada na Associação Vitória Down na R. Nahum Prado, 50 - Republica, cidade de Vitória - ES. A Associação Vitória Down é uma Sociedade Civil de direitos privados, sem fins lucrativos, cujo propósito é promover a inclusão e a garantia dos direitos fundamentais a pessoas com T21 e suas famílias.

Nessa perspectiva, é fundamental que os profissionais da educação, seja ela formal, informal ou não formal, que atuam em espaços escolares, tanto quanto os familiares das crianças, compreendam que por meio da alfabetização muitas habilidades – afetivas, cognitivas, linguísticas, motoras e sociais, entre outras – são desenvolvidas de maneira significativa e prazerosa.

Logo, a alfabetização não pode, como não deveria ser subestimada no processo de desenvolvimento da criança. Para compreender esse fenômeno como inerente ao processo de formação humana e cultural, a pesquisa irá propor conhecer o lugar, o processo de alfabetização e suas contribuições para o desenvolvimento da criança com Síndrome Down.

A educação qualifica-se como um dos fatores sociais propostos por Émile Durkheim, os quais denotam normas de conduta instruídas e direcionadas à coletividade, a fim de que a cultura vigente seja incorporada pelos membros da sociedade, capacitando-os para integrarem-na efetivamente. Assim sendo, a função social que desempenha é substancial e tremendamente relevante.

Frequentemente depara-se ou defronta-se com os termos alfabetização e letramento ao se adentrar o tema “educação”. Usualmente, ambos são sinonimizados, entretanto, a incumbência e funcionalidade de cada um deles é distinta, bem como a sua definição, verdadeiramente complementando-se.

Na alfabetização, assimilam-se e instruem-se acerca dos símbolos que compõem um código linguístico, em seu sentido mais elementar, discriminando seus supletivos escritos ideológicos e conferindo-os sentido, requisitos básicos para o aperfeiçoamento de escrita e leitura.

Todavia, o letramento consiste na aprendizagem e desenvolvimento de interpretação crítica e analítica da realidade vivida e experienciada, caracterizada pelo subjetivismo, condizente com a ideia de *sui generis*, estabelecendo-se, portanto, como uma aplicação mais madura da cognição adquirida durante a alfabetização.

Ambos, letramento (termo recente que data da década de 1980) e alfabetização, no entanto, são iguais e conjuntamente essenciais para a formação do indivíduo social, posto que embora os seres humanos sejam dotados biologicamente da capacidade de desenvolver a fala e a escrita, por meio da dotação do aparelho fonador e inteligência e racionalidade, a estimulação dos mesmos é imprescindível para que essas habilidades se desenvolvam.

Assim sendo, ponderando-se a importância que esses processos desempenham, conclui-se que todos os integrantes da sociedade merecem e necessitam de serem contemplados com esse privilégio e com a educação, mediante um ensino mais inclusivo e agregador, ofertado inclusive aos portadores de deficiências intelectuais e a indivíduos com trissomia do cromossomo 21 ou SD, por exemplo.

Essa condição genética caracteriza-se pela não concretização da disjunção genética (separação dos cromossomos) na segunda etapa da divisão celular meiótica de células germinativas, átimo ou instante no qual as duas células momentaneamente diploides, originárias de outra, contendo duas cromátides ou filamentos conectados pelo centrômero (localiza-se comumente no centro do cromossomo e é a região de condensamento do DNA mais compactada), dividem-se novamente em outras duas, perfazendo quatro células-filhas, porém com a metade da quantidade inicial de 46 cromossomos, ou seja, 23 ao todo, tornando-se células haploides, haja vista que não estão emparelhadas com o seu par cromossômico homólogo.

Conquanto, na primeira etapa da meiose os 46 cromossomos não são reduzidos à metade em cada célula-filha, de modo que em uma das células formadas há um cromossomo a mais, correspondendo a 24, e na outra há um, a menos, portanto 22 cromossomos derivados.

O resultado são duas células-filhas com um cromossomo extra (ambas com 24) e duas células-filhas sem um cromossomo (ambas com 22) oriunda de outra célula, partilhando equitativamente do mesmo quantitativo de cromossomos. Há ainda a possibilidade de a anomalia ocorrer na segunda etapa da divisão celular, na qual a “célula-mãe” ou “primordial” engendra duas outras, ambas com 23 cromossomos, a

metade do cariótipo dos presentes nas células somáticas, mas na meiose II, ao cada uma conceber duas novas células, uma apresenta 24 cromossomos, armazenando um adicional, enquanto outra permanece com somente 22 cromossomos, conferindo o desenvolvimento de um distúrbio cromossômico.

A despeito disso, a não disjunção se categoriza como fator causador de cerca dos 95% dos casos de trissomia 21. Acentua-se, no entanto, que a translocação (fragmentação parcial da cromátide do cromossomo 21 e sua reentrância ou encaixe no filamento de outro cromossomo, que geralmente corresponde ao 14) e o mosaicismo (classifica-se como uma desigualdade no número integral de cromossomos de uma célula, de modo que algumas possuem 46, contrapondo-se a outras, que detêm uma, a mais, evidenciando a trissomia 21), também interpõem-se como prováveis fatores dessa alteração genética.

Características tais como o déficit cognitivo (propicia dificuldade de concentração e atenção por parte do indivíduo), deturpação da mensagem verbal captada e dificuldade em decodificá-la e compreendê-la, em vista da alteração do formato dos ossículos presentes no ouvido, além da dificuldade de comunicação oral e aptidão interativo-social, limitações que podem ser trabalhadas desde a mais tenra idade de crianças com SD, induzindo o seu desenvolvimento.

Nesse contexto, enquanto acadêmica¹ e profissional da pedagogia, vinculada, associada e familiarizada com o setor educacional, exponho que a temática do trabalho proposto nesta dissertação: “Oficinas De Aprendizagens E Estímulo A Cognição De Crianças Com Síndrome De Down Na Associação Vitória Down”, sintoniza-se com o âmbito didático, portanto, com a minha área de atuação, enquanto mestranda em Ciência, Tecnologia e Educação, tratando-se de questões e problemáticas relacionadas ao ramo.

Desse modo, é uma análise qualitativa que simbolicamente representa um passo adiante dos muitos que já trilhei no terreno do conhecimento e didatismo, moldando-me e me permitindo evoluir e empreender minhas gnosias visando concretizar os objetivos dessa empreitada e, além disso, acrescidamente colaborando para expressar alternativas viáveis para a resolução dos empecilhos citados.

¹ Em alguns trechos, a escrita será feita pela 1ª pessoa do singular, por tratar-se de processos da vida pessoal da pesquisadora.

A motivação desta dissertação e a seleção desta asserção centra-se no fato de que, notadamente, bem como explicitado anteriormente, demanda-se o diligenciamento de uma educação mais integral e abarcador, evidenciando a ineficiência metódico-pedagógica em certos casos ou simplesmente a não aplicação de metodologias convenientes e eficazes em responder e sanar as necessidades apresentadas por estudantes com especificidades.

Pois bem, no campo da alfabetização, assim como destacado preliminarmente, é de imensurável relevância que a temática abordada seja analisada e explanada, porquanto corresponde a um processo substancial para a construção social do indivíduo e aprimoramento de sua interpessoalidade, acordando-se com a perspectiva e padrão comportamental sociocultural exigidos por uma determinada sociedade.

Através dos dados e resultados mensurados neste trabalho, os habitantes da localidade alvo das pesquisas efetivadas poderão conhecer e reconhecer os pleitos² do ambiente em que residem no tocante a educação e adequações de ensino e ministração pedagógica, por meio de uma menecma e recorte da realidade atual e suas implicações. Isto posto, possibilita que os moradores possam avaliar a situação e, unidamente com autoridades e órgãos competentes, possam contornar os entraves identificados, delimitando-os para melhor serem solucionados. Além de apresentar conteúdo informacional, propõe-se possibilidades exequíveis para serem implementadas nas instituições educacionais.

Embora o tema explorado tenha sido tópico principal em muitos trabalhos, dissertações e artigos, frisa-se que em cada região e localidade as requisições e necessidades sociais são diversas, mas simultaneamente semelhantes entre si, porém são versadas e gerenciadas de modos distintos, indicando que em certos locais essas demandas são menos supridas e adjudicadas, precisando e carecendo de maiores intervenções de cunho científico-investigativo.

A pesquisa irá mostrar a importância do lúdico por meio de oficinas realizadas na Associação Vitória Down, de teatro, pinturas, contação de histórias, atividades físicas diversas, entre outras metodologias indispensáveis para a alfabetização e desenvolvimento de crianças com síndrome de Down. Ademais, será abordado o papel dos profissionais para o desenvolvimento dessas oficinas.

² **Pleito:** discussão, debate, apuração, pacto, etc

1.1 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema se deu a partir da necessidade de abordar a importância da alfabetização, sendo esse um direito adquirido, por isso a pesquisa vai em busca de provas por meio de discussões e atividades práticas acerca dos benefícios da alfabetização de crianças com Síndrome Down. Por isso, para compreender esse fenômeno como inerente ao processo de formação humana e cultural, será proposto conhecer o lugar da alfabetização, a partir da participação de crianças e profissionais da Associação Vitória Down, no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança com Síndrome Down.

No ano de 2018, tive a oportunidade de participar de uma oficina como contadora de história na Associação Vitória Down, onde por meio dessa prática pude perceber que diversos sentidos foram explorados nas crianças, como aspecto cognitivo, explorando desenvolvimento do raciocínio, pensamento, memória, abstração, imaginação, socialização e autonomia. Assim, tratar a temática, "Oficinas de aprendizagens e estímulo à cognição", buscando explorar a importância do lúdico no processo de alfabetização de crianças com síndrome de Down, é algo de grande relevância.

Desse modo fica claro que por meio da alfabetização as crianças com síndrome de Down têm maior possibilidade de desenvolvimento social, levando a inclusão. Ademais, é preciso ofertar meios para que todas as crianças com síndrome de Down ou não possam se tornar cidadãos com condições de autonomia, e maior qualidade de vida. Outrossim, para que se alcance de fato uma inclusão eficaz é de suma importância oferecer ferramentas para que as crianças com síndrome de Down possam alcançá-la, e a alfabetização é sem dúvida uma ferramenta de grande relevância.

Nessa direção, o estudo irá investir numa pesquisa, com elementos de intervenção, que permita, além da análise de documentos e aplicação de entrevista com os profissionais, com perguntas abertas, e questionário respondido por familiares de usuários na Associação Vitória Down que participam das oficinas, o que levará posteriormente a criação de um Guia didático. Ademais, assistir e participar de algumas oficinas durante a realização da pesquisa.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL:

*Analisar de que forma oficinas de aprendizagem estimulam a cognição, desenvolvimento e autonomia de crianças com Síndrome Down.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

*Identificar aspectos lúdicos das oficinas de aprendizagens que podem ser utilizados como ferramenta para alfabetização e desenvolvimento de crianças com síndrome de Down;

*Descrever a trajetória da aprendizagem dos estudantes com síndrome de Down e as possibilidades para uma história positiva na alfabetização dessas crianças;

*Identificar, com os sujeitos da pesquisa, qual a percepção sobre a alfabetização de crianças com síndrome de Down e seus desafios;

*Elaborar um guia didático trazendo o lúdico como ferramenta para a alfabetização e desenvolvimento de oficinas lúdicas para crianças com síndrome de Down;

Assim, este texto se organiza em quatro seções que se complementam. Na primeira seção foi abordada a Introdução, meu memorial, justificativa, e os objetivos geral e específicos.

A segunda seção, “Como as oficinas de aprendizagem desenvolvidas na Associação Vitória Down estimulam a cognição, desenvolvimento, e autonomia das crianças com síndrome de Down?”, temos um espaço voltado para a revisão de literatura. Nela, o objetivo é fazer um recorte, ainda que inicial, acerca do que se tem produzido na área e que vai ao encontro do nosso tema central.

Na terceira seção, foi abordado o referencial teórico na busca por embasamento, e conhecimento acerca do tema central.

A quarta seção do texto, “Oficinas de aprendizagens e estímulo a cognição de crianças com síndrome de Down na Associação Vitória Down”, explora o aspecto metodológico do texto, caracterizando o tipo de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, o campo de investigação e os sujeitos participantes, ao mesmo tempo em que apresenta e analisa os dados coletados ao longo do estudo.

2 REVISÃO LITERÁRIA

Como especificado, os estudos designados possuem relação com a temática explanada: “Oficinas De Aprendizagens E Estímulo A Cognição De Crianças Com Síndrome De Down Na Associação Vitória Down”, dentre as quais as palavras-chave que a circundam, como Alfabetização; Aprendizagem; Lúdico; Síndrome de Down, nortearam a escolha desses trabalhos, após uma análise atenta e diligente do seu conteúdo e título, culminando na seleção das principais contribuições destes para essa revisão literária: 6 trabalhos e 1 livro ao todo.

Pois bem, eis as dissertações, as teses e o livro contempladas para a construção desse trabalho árduo e custoso: “Avaliação da utilização de mídias digitais como mediadores pedagógicos no processo de alfabetização de pessoas com Síndrome de Down”, de Oliveira (2016); “Escolarização de aluno com Síndrome de Down na escola: um estudo de caso”, Marques (2016); “O letramento na Síndrome de Down: o papel da família e da escola”, de Feistauer (2014); “Alfabetização e letramento: habilidades de leitura e escrita adquiridas e desenvolvidas por pessoas com síndrome de Down”, Fonseca (2021); “Caminhos, dificuldades e acertos da escola regular na inclusão de pessoas com Síndrome de Down”, Vieira (2021); e “O Império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul”, Boaventura de Sousa Santos (2019).

Embasando-se em teses, dissertações e livro relativamente recentes, efetuadas entre os anos de 2014 e 2021, cujo enfoque principal centra-se na conceituação de inclusão, sua relevância para discentes e indivíduos com deficiência intelectual, além da adequação e adoção de metodologias favoráveis ao aprendizado dos mesmos e a sua implicação para o processo de alfabetização e letramento, dispôs-se realizar essa revisão literária, constatando-se a significância que o conhecimento e abordagem de trabalhos vinculados a esse tema agregará a esse tópico, sobre o qual falarei mais adiante.

A seguir, tabelados estão os títulos dos artigos, divididos em dissertações, uma tese, e um livro, e seus respectivos autores, elencados organizada e ordenadamente.

TABELA 1 - Produções acadêmicas e livro utilizados

Títulos designados	Autor/Ano	Instituição executora
Caminhos, dificuldades e acertos da escola regular na inclusão de pessoas com Síndrome de Down	Camila de Velasco e Vieira (2021) - Dissertação	ASDOWN (Associação Down) de Góias (GO)
Alfabetização e letramento: habilidades de leitura e escrita adquiridas e desenvolvidas por pessoas com síndrome de Down	Adriana Cristina Albergaria Fonseca (2021) - Dissertação	PUC Minas – Campus Coração Eucarístico (MG)
Escolarização de aluno com Síndrome de Down na escola: um estudo de caso	Aline Nathalia Marques (2016) - Dissertação	Escola pública – municipal do Estado de São Paulo
O letramento na Síndrome de Down: o papel da família e da escola	Cláudia Madalena Feistauer (2014) - Tese	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), com sede em Vitória da Conquista, na Bahia
Inclusão dos alunos com deficiência física no IFES campus Vitória: um entrelaçamento possível entre acessibilidade e educação ambiental	Edluci Mathias Santos (2021) - Dissertação	Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) – campus Vitória
O Império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul	Boaventura de Sousa Santos (2019) – obra literária	Grupo Autêntica

Realizou-se, a partir do próximo parágrafo, a intertextualidade dos textos, assuntos e principais ideias dos trabalhos discutidos, unificando os argumentos, inter-relacionando-os, descrevendo e destacando as metodologias utilizadas pelos autores em suas pesquisas científicas, bem como as conclusões obtidas.

Em um contexto essencialmente antropológico e social, através do emprego de técnicas qualitativas para tal estudo de campo, Vieira (2021) aplicou procedimentos sistemáticos e convenientes para oportunizar a concretização de sua pesquisa. Realizou-se o envio, via e-mail e WhatsApp, de relatos regidos por um “questionário-roteiro” próprio formulado pela autora, redigidos pelos 10 pais e familiares integrantes da ASDOWN (Associação Down) de Goiás e participantes ativos dessa investigação acadêmica, objetivando parafrasear o processo de inclusão escolar de deficientes intelectuais e os percalços com que frequentemente esses indivíduos se deparam nesse processo.

Valendo-se desses recursos, os resultados alcançados por Vieira (2021) demonstraram que dentre os entraves e impeditivos para a inclusividade assertiva no

âmbito escolar, revela-se a carência de docentes auxiliares, segregação de portadores de trissomia 21 de comemorações festivas, desconhecimento e laicidade quanto aos aspectos e segmentação e funcionamento do seu processo cognitivo, preconceito e exclusão, além da ausência de um ambiente educacional receptivo e identitário e, evidentemente, a inexistência de metodologias adequadas e condizentes com demandas estudantis específicas.

Desse modo, a efetividade do processo de inclusão necessita da implementação de práticas pedagógicas que incluam o acolhimento, participação dos pais e oportunidades igualitárias, com o reconhecimento das dificuldades e período de aprendizagem de cada um.

À vista disso, calha a rememoração dos pensamentos de Marli André (2006): a resolução de possíveis lacunas pedagógicas não detém uma fórmula prévia e preexistente, mas permite e demanda versatilidade e reconstrução didática. Em sintonia com essa perspectiva, Freire (1996) realça a importância da reflexão crítica voltada para a eficácia dos métodos pedagógicos, visando aperfeiçoá-los quando preciso a fim de promover a democratização do ensino.

Na Vitória Down, a metodologia lúdico-didática sincronizada com as demandas estudantis proporcionou efetivamente o desenvolvimento significativo de aspectos tais como cognição, motricidade, fala e socialização, em conformidade com os relatos dos familiares e responsáveis dos alunos. Garante-se assim, a ciclicidade do processo de ensino-aprendizagem mediante eficácia das estratégias pedagógicas empregadas.

Tal qual um receptáculo benfazejo às ingerências dos agentes externos, o ser humano consubstancia as sensações e estímulos sensoriais projetados pelo universo que o rodeia através das experiências.

Estas, no que lhe concerne, defrontam-se com os sentidos como aprestos fulcrais para a assimilação da realidade e da sua decifração. Merleau Ponty cimenta se nessa óptica basilarmente empirista ³ao contrastar com a perspectiva cartesiana, que erige a racionalidade em detrimento do experiencialismo⁴ como módulo prioritário para a obtenção do saber e declarar que as percepções do mundo são promovidas pelas emoções e sentimentos, propiciados pelos sentidos.

³ **Empirismo:** corrente filosófica originária da filosofia aristotélica, advinda da teoria do conhecimento, que apregoa as experiências sensoriais, a captação dos estímulos externos e as vivências quotidianas como única forma de obter sapiência e aprendizado.

⁴ **Experiencialismo:** condiz com o movimento renascentista surgido em meio ao Humanismo. Enaltece a experiência como fonte de conhecimento.

Trata-se do corazonar, do movimento de mobilização da inteligência emocional em prol da transformação do mundo. Para o filósofo, haveria a confluência entre aquilo que é vislumbrado e o indivíduo que o contempla, de forma que a amálgama entre ambos produziria um ente terceiro, similar a um mediador. Nessa ocasião, quem vê e o que é visto modificam-se reciprocamente e acarreta acepção de acontecimentos e experiências imprevisíveis e hodiernos.

Nascimento (2016) elucidou, em sua dissertação, as intenções, objetivos e corolários de sua pesquisa, empreendida com 35 discentes voluntários, com deficiência intelectual e integrantes do projeto IMDSD (Inclusão por Mídias Digitais de Pessoas com Síndrome de Down), dos quais 22 eram do sexo masculino e os 13 restantes, do sexo feminino.

Ressalta-se também que o intervalo etático dos participantes compreendeu-se entre 9 e 47 anos. Operou-se testes sequenciais (IAR, PROLEC e R1 / R2), divididos em duas etapas e executados preliminarmente a atuação do programa e após seis meses do seu funcionamento. Fundamentalmente, o estudo da autora em questão ambicionou equiparar o desenvolvimento e progresso "alfaletizado" de indivíduos com Síndrome de Down, integrantes de um projeto cujo ensino é midiatizado pelo âmbito digital e verificar a valência desse método pedagógico.

Conclusivamente a inicialização e concretização dessa seção de testes, Nascimento (2016) observou que, através da mediação tecno digital no ensino, houve a superlativação do discernimento e da distinção audiovisual, contribuindo para a interpretação e reação aos estímulos externos, além do aprimoramento da decodificação da mensagem emitida verbalmente dos participantes.

Quanto a isso, Soares (2009) destaca que a alfabetização vai muito além da decodificação literal, englobando um leitor proficiente do mundo, aquele que possui a capacidade de reformá-lo com um olhar crítico.

O uso de equipamentos eletrônicos já havia sido exposto como um benefício por Rosa Maria (2001), uma vez que oportuniza o treinamento de vários tipos de inteligência, dos cinco sentidos e opções sortidas de obter conhecimento. A Vitória Down, inclusive, oportuniza o divertimento conjunto com aprendizagem através do acesso das crianças com SD ao play table.

Embora a alfabetização plena não tenha sido conquistada apenas por esse meio, o procedimento apresentado reforçou o processo de alfabetização e letramento, providenciando habilidades elementares requeridas para a sua ocorrência.

Por intermédio de uma entrevista realizada com os responsáveis dos participantes de sua pesquisa, que articularam acerca da história, recente e remota, dos mesmos, Fonseca (2021) averiguou as competências em interpretação textual e ortografia dos participantes, detentores de deficiência intelectual, em atividades relacionadas, como forma de testagem, em quatro gêneros textuais: fábula, convite de aniversário, reportagem e bilhete.

A finalidade de sua dissertação apeteceu enunciar acerca das especificidades dos alunos com Síndrome de Down, no que concerne ao déficit cognitivo assiduamente asseverado por portadores dessa condição genética, visando transpô-lo e sobrelevá-lo, além de focalizar também a construção da sua perspectiva de mundo, através da experiência sensorial e da assimilação da escrita e leitura e as substanciais dificuldades e habilidades defrontadas em meio ao desenvolvimento de aptidão nessas áreas.

Ainda recorrendo aos termos e abordagens condizentes a “inclusão” e “educação de deficientes intelectuais” como panorama, a fim de possibilitar o prosseguimento desta revisão literária e o seu enriquecimento, dirige-se a palavra a Aline Nathalia (2016), pesquisadora responsável por conduzir um estudo de campo com alunos da 1ª série do fundamental de uma escola, cujo intento canalizou-se na apuração e análise da linguagem escrita dos discentes matriculados com Síndrome de Down e integrados e inclusos a uma classe convencional, bem como presenciar as táticas didáticas dos docentes ao lecionar para esses estudantes.

Os mecanismos utilizados para tal investigação acadêmica resumem-se, essencialmente, a uma entrevista roteirizada, porém passível de adição de dados suplementares e que extrapolaram as indagações “pré-prontas” feitas com os docentes da referida classe pelo “pesquisador-personagem”, participante ativo desse diagnóstico sociopedagógico, além da captura visual, simplificada, fotografias dos resultados e realizações alcançadas pelos alunos no decorrer das aulas.

Após a finalização desse estudo, Marques (2016) deduziu, enfim, que, a grosso modo, os docentes de classes comuns carecem de qualificação e preparo preliminar e contínuo, além de as estratégias didático-pedagógicas aderidas e ministradas pelos mesmos flexibilizarem-se às demandas do meio institucional e educacional, denotando assim, a evidente necessidade de um ensino mais inclusivo, propício e abrangente, uma vez que, bem como também foi acentuado pela autora, a concessão de significados às imagens apresentadas pelos estudantes com necessidades

específicas, mostrou-se um aditivo relevante para o progresso do aprimoramento da linguagem escrita.

A significação atribuída às imagens foi observada em um relato relacionado a uma das estudantes com SD da instituição Vitória Down, a qual utilizou figuras e sons para se comunicar com a mãe e fazê-la compreender o que lhe pedia, demonstrando a correspondência das imagens apresentadas ao seu significado. Desse modo, tal fato coincide com a afirmação de Morais (1997), o qual diz que a leitura e a consciência fonológica estão relacionadas, de maneira que o vislumbre de um objeto implica na associação quase que instantânea com a palavra que a nomeia.

Com uma variação temporal de dois anos de publicação, com relação à divulgação do trabalho da autora anterior, Feistauer (2014) excepcionalmente versou em sua tese acerca da repercussão da intervenção familiar e instrucional da instituição acadêmica para a estruturação da proficiência “literal-analítica” de indivíduos com Síndrome de Down, ou seja, para o processo de desenvolvimento de uma perspectiva crítica e desalienada da sociedade e do entorno, que se centra em uma leitura interpretativa.

Equiparadamente ao método adotado por Vieira (2021), Cláudia também optou por aplicar questionários aos participantes da pesquisa, nesse caso, os pais e responsáveis e professores, aspirando averiguar as produções conteudísticas e materiais didáticos abordados, com o acompanhamento de aulas voltadas para a leitura na APAE e ponderação de ocasiões e experiências cotidianas expositivas ao letramento, que requisitam a disposição da interpretação e exteriorização da apropriação da linguagem escrita.

Em reciprocidade com a pesquisa empreendida por Aline Nathalia, compenetrada na auscultação dos métodos didático-pedagógicos empregados em sala de aula e garantidores de uma maior inclusão, a dissertação de Mathias (2021) visa desvelar e realçar a inter relação estabelecida entre a tríade inclusão, educação ambiental e acessibilidade, demonstrando que as condições de infraestrutura do IFES Campus Vitória, a saber, o local onde o objeto de pesquisa do autor foi aplicado e utilizado como referencial, influenciam diretamente a transitabilidade e comunicação facilitadas de pessoas com deficiências físicas e o seu acesso à educação ambiental e conhecimento da humanidade.

Desse modo, ambas as pesquisas centram-se na inclusão e democratização do ensino e privilégios a indivíduos com especificidades. Assim sendo, os

participantes da pesquisa compreenderam 8 indivíduos (uma ex-aluna do Instituto, duas pedagogas, uma participante do Núcleo de Atendimento à Pessoa com Necessidades Específicas (Napne) e quatro alunos com deficiência física), que por meio de entrevistas, emprego de questionário e averiguação de documentos, contribuíram para o alcance dos resultados vinculados à temática abordada.

Assim, os corolários obtidos por Edluci, quanto aos dados recolhidos, demonstraram que o Ifes campus Vitória direciona-se para um ambiente cada vez mais inclusivo e acessível, efetivando eventos e medidas que proporcionem a aplicação da cidadania, como aprimoramento das metodologias nesse sentido, embora mais iniciativas necessitem de serem realizadas em prol disso, muito já tem sido feito, denotando a formação de uma identidade social por parte dos seus frequentadores com relação ao espaço acadêmico.

Derradeira e conseqüentemente ao estudo realizado, ao perquirir os desfechos da pesquisa, Feistauer (2014) cientificou que, aproximadamente, um quinto das mães entrevistadas, o equivalente a três das cinco voluntárias, eram semianalfabetas e não cultivavam a praxe de ler para seus filhos, ou mesmo detinham escritas literárias em suas residências. Paralelamente a esse cenário, em contraposição à realidade majoritária dessas famílias, observa-se as outras duas remanescentes, que se diferem profundamente do contexto anteriormente exposto, caracterizadas por componentes letrados, com um grau de escolarização superior.

Destampou-se, portanto, que a instrução e direção competentes dos docentes e o estímulo e apresentação de escritos aos indivíduos com SD, desde a mais tenra idade, pelos familiares, proporciona uma evolução estupenda no processo de letramento dessas pessoas.

Destampou-se, portanto, que a instrução e direção competentes dos docentes e o estímulo e apresentação de escritos aos indivíduos com SD, desde a mais tenra idade, pelos familiares, proporciona uma evolução estupenda no processo de letramento dessas pessoas. Com relação a isso, Zausmer (1993) e Pimentel (2019) sublinham que a intervenção profissional, a participação familiar e estimulação precoce mediante o ambiente de exposição nos estágios iniciais da aprendizagem são indispensáveis para a incorporação de uma bagagem vocabular com maior tempo disponível, por exemplo, por crianças com T21.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A alfabetização interpõe-se como um processo indispensável a todos os indivíduos, a fim de que possam efetivamente inserir-se na sociedade. Sendo assim, não deve haver restrições ou coibição a participação de quaisquer sujeitos a essa etapa do desenvolvimento cognitivo humano, pois abster-se da mesma, segregaria o indivíduo da interação e convívio interpessoal, considerando que a comunicação seria inviabilizada.

Nesse contexto, é válido referenciar os experimentos científicos citados por Vygotsky (1991), realizados por Kohler, durante a Primeira Guerra Mundial, relacionados a psicologia animal, por meio do qual constatou que macacos antropoides não possuem pensamento ideográfico e independem e desvinculam-se da linguagem simbólica para orientarem as suas ações e estabelecerem relações de modo que reproduzem atitudes em resposta a situações realizadas por outros animais anteriormente contempladas, valendo-se, portanto, da imitação para a resolução de problemas, diferentemente de crianças que, mediante o auxílio da fala são capazes de julgar as circunstâncias e formular melhores soluções para cada uma das situações.

Conforme sugeriram as experiências efetuadas por Vygotsky (1991), a fala e a ação estão intimamente inter-relacionadas e complementam-se viabilizando o alcance de um mesmo propósito: a resolução de problemas, que quanto mais complexos, mas requerem e exigem o auxílio da fala para serem resolvidos, como forma de expandir as possibilidades de resolução para além da instintividade e impulsividade, havendo um planejamento sistematizado de ações consecutivas e maior flexibilidade.

Em suma, a distinção entre o comportamento instintivo adotado por primatas selvagens, reflete-se no fato de que há a dispensação da utilização de signos e códigos linguísticos para a relação sustentada entre os mesmos e na influência de suas ações, de maneira que se diferencia da significação que o ser humano necessita de conceder aos seus atos, descrevendo-os e caracterizando-os verbalmente, estando, portanto, desenvolvimento de fala e inteligência prática, ou seja, conhecimento aplicado às atitudes, interligados.

Nesse contexto, Bissoto (2005) destaca que a criança portadora de trissomia 21 apresenta significativa dificuldade em expressar oral e corretamente os seus pensamentos e reflexões, uma vez que a sua condição biológica afeta órgãos

associados a fala, além da motricidade, vitimando a sua linguagem expressiva, há uma barreira para a conexão entre sujeito e demais indivíduos e o ambiente, esse último que, enquanto mediador da aprendizagem, de acordo com Vygotsky (1991), é modificado pela criança, por meio da fala, adequando o seu comportamento ao meio de instalação e assessora para a formação do intelecto, o qual constitui a “bússola” do comportamento humano, de forma que com a interferência dessa relação do indivíduo com o ambiente e os seus integrantes, haja a interrupção do dinamismo na resolução de questões propiciada pela fala externa ou comunicativa.

Para Voivodic (2005), o retardo do desenvolvimento motor prejudica o aprimoramento de outros quesitos, uma vez que impede a exploração do meio externo. Da mesma forma, Mantoan (2004) afirma que limitações orgânicas, correspondentes a movimentação e sistemas sensoriais, interferem na interação entre o indivíduo e o ambiente.

Crianças com tal condição genética, apresentam dificuldade em reter informação rápido e facilmente (memória de curto prazo), comprometimento cognitivo (declínio mental e anormalidades das funções cerebrais) e retardo no processo de desenvolvimento neuropsicomotor, por exemplo, sendo necessário, de acordo com Zausmer (1993) e Pimentel (2019), a atuação dos familiares crucial nas etapas primordiais da aprendizagem e intervenção especializada, quando a criança interage primariamente com o ambiente, e a adoção da estimulação precoce, que possibilitam que haja maior tempo para a assimilação da linguagem e construção e desenvolvimento da bagagem vocabular (assim como treinamento da motricidade e memória), uma vez que, bem como afirma Schwartzman, a flacidez ou hipotonia fonoarticulatória em portadores de trissomia 21, dificultaria a sintetização de falas e frases embasadas no entendimento da informação recepcionada, prejudicando a formulação da linguagem expressiva e da conversão do que é pensado em palavras.

Desse modo, é importante se atentar para as diversas formas de linguagem utilizadas por crianças com SD, na visão de Pimentel, para ampliar a compreensão do indivíduo com o qual dialogam, como por meio de gestos e imagens ou desenhos (gráfica), embora para Mills (1999), a adesão e estímulo do uso da linguagem de sinais possa impossibilitar e comprometer o desenvolvimento da oralidade, o que, para Horstmeier (1993), no entanto, colaboraria para a comunicação.

Nessa conjuntura, estudos relacionados ao tema de autores como Casarin (2005), Buckley (1992), Cupples e Iacono (2012) e Rondal (2006), são favoráveis a

preferência pelo ensino visual pelos professores, cuja base está alicerçada na decodificação literal e, exclusivamente, na proficiência da leitura e interpretação textual visualmente, pois crianças com SD possuem deficiência da memória auditiva, que são agravados por problemas de audição.

Dessarte, optar por ministrar a leitura de imagens e palavras completas visualmente, minimiza os efeitos da falha da memória auditiva nesses alunos e qualifica-se como um ponto forte para Alves (2018), Troncoso e Cerro (2004), assim como a experimentação de situações reais, conforme aconselha Martins (2011).

É oportuno acrescentar que nesse caso, o desenvolvimento da consciência fonológica não é desconsiderado, mas, pelo contrário, é essencial para a aprendizagem da escrita e leitura e depende do conhecimento dos caracteres alfanuméricos para tornar-se possível e facultar o estabelecimento de uma correspondência fonema-letra, de acordo com Barrera e Maluf (2003), em um processo contínuo de estimulação, para a assimilação gradual da informação adquirida, bem como enfatiza Marques (2018).

Além disso, Morais (1997) menciona haver um elo intrínseco entre leitura e consciência fonológica, de modo que assim como é possível imaginar e exibir um objeto ou corpo ao visualizar a palavra que a nomeia, a representação ortográfica de uma palavra é concebida mentalmente automaticamente, após ser ouvida.

Portanto, dada a relevância da consciência fonológica para o processo de ensino-aprendizagem de crianças com necessidades especiais, Sás (2009) atesta para a importância da abordagem dessa habilidade gradativamente, interpelando por temas relacionados, tais como rimas e sílabas.

Assim sendo, analisam-se os documentos de J. Schwartzman (1999), Pueschel (1993) e Mills (1999), que reconhecem que as dificuldades de indivíduos com SD, devido a sua condição biológica, afetam a sua aprendizagem, tornando o processo de alfabetização mais vagaroso e meticuloso, carecendo, portanto, de mais estímulos ao qual esses alunos possam ser submetidos, de modo que adquiram conhecimentos primários que viabilizem a sua inicialização.

Entretanto, J. Schwartzman (1999) ainda ressalta que o desenvolvimento e procedência de indivíduos com SD é relativo e está diretamente relacionado ao âmbito sociocultural no qual estão inseridos e a exposição de estímulos, que influem no seu incremento.

É preciso, portanto, atentar-se às dificuldades apresentadas por alunos com SD e oferecer um ambiente estimulante, assim como cita Gabriela Moura (2021), conforme a perspectiva de Voivodic, que afirma que o desenvolvimento de deficientes intelectuais também está associado aos estímulos do meio, mirando a inclusão do ensino, enquanto um objetivo a ser alcançado, mediante a adesão de metodologias que favoreçam a educação de estudantes com deficiências mentais e intelectuais, especialmente diante da recente realidade, na qual dados obtidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), entre os anos 2014 e 2018, indicam um acréscimo de 5% no percentual de estudantes com deficiências ou necessidades especiais nas escolas regulares, fato que revela a importância da qualificação dos docentes para atenderem às demandas desses alunos.

Quanto a isso, Gabriela Molina (2021) afirma que, perante a assistência fornecida pelas ações legislativas, da capacidade de aprendizagem de alunos com SD e do seu estabelecimento em escolas e classes comuns, é importante enfatizar quais métodos pedagógicos viabilizariam adequadamente o ensino desses estudantes.

Logo, à luz da “pedagogia da diferença” preconizada por Philippe Perrenoud e explanada por Marli André, em sua obra “Pedagogia das diferenças em sala de aula”, necessita-se de conceder ao aluno o papel de agente do seu próprio aprendizado, protagonista e alvo desse processo educativo, direcionado por um professor, figura responsável por oferecê-lo suporte, fazendo jus às correntes pedagógicas e teorias interacionistas e construtivistas e desfolhando a incorporação de eventuais discriminações e reforço das desigualdades sociais semeadas no imo da própria instituição de ensino, configuradas no tratamento privilegiado proposital a determinados grupos em detrimento de outros e, até mesmo, na qualidade da educação, capacitação profissional, distinção das classes e de disposição de recursos entre as escolas, que também escancaram as desigualdades sociais.

Arraiga-se veementemente, ainda na atualidade, o pressuposto ludibriado e parcialmente acurado de que o desempenho escolar deve-se a hereditariedade ou herança genética adquirida pelos descendentes, supostamente predispostos ao sucesso acadêmico, contanto que se apossam desse “donativo inerente” de seus pais

e ascendentes, primazia por uma prerrogativa interligada a um determinismo⁵biológico.

A favorabilidade ou miserabilidade econômica e aspectos sociais de uma família, também interferem no desempenho escolar, de fato, mas apesar disso, a professora Marli André realça que os princípios e “releituras” morais, culturais e religiosos da sociedade pela família, bem como a repassagem de normas de conduta e códigos de ética e uma educação familiar diferenciada das demais, influem preponderantemente nesse quesito, mais do que a hierarquia social.

Ambos os prognósticos que argumentam em prol dos fatores socioeconômicos e da propensão genética como condicionantes para o insucesso ou êxito escolar, explicitam que presumivelmente há uma hipossuficiência de alguns fatores pelo indivíduo, como QI baixo e desmotivação, por exemplo, que afetam esse coeficiente.

Em condescendência com a ótica articulada por Marli André acerca da diferenciação involuntária, condizente com o tratamento favorecido e seletivo aos alunos que demonstram maior interesse, desenvolvimento e competência nas aulas, enquanto os demais, categorizados como irresponsáveis, “indolentes” e faltosos, são vítimas de preconceito, atitudes de rejeição, negligência e menosprezo, condutas que acentuam ainda mais as desigualdades e o insucesso escolar no seio acadêmico, Maria Teresa Mantoan complementa pontuando que a instituição educacional entremeia a culpa do ínfimo desempenho estudantil sobre os próprios educandos, quando na realidade, os reveses estariam sendo gerados pelas práticas pedagógicas inadequadas e improdutivas cinesia.

À vista disso, a autora expõe a implementação de um ensino integralmente inclusivo, como alternativa para anular-se a marginalização dos discentes pelo fracasso escolar e oportunizar definitivamente uma educação unívoca e profícua, cujos dispositivos e políticas pedagógicas circunscrevem e acolhem alunos com deficiências, incluindo portadores de síndrome de Down.

Para Mantoan, a descontinuidade do conservadorismo - que atesta para a imutabilidade das particularidades individuais e admissão e exercício da tolerância diante dessa "veracidade" - faz-se concebível o reconhecimento da cinesia⁶ das

⁵ **Determinismo biológico:** crença de que o genoma, a sequência genética que codifica as características de cada ser, seria determinístico para definir os seus traços psicológicos e físicos dos indivíduos, denotando uma relação de causalidade.

⁶ **Cinesia:** denota movimento, mobilidade, mudança.

diferenças e de sua dinamicidade ininterrupta, em incessante construção e reconstrução dos indivíduos.

Promotora da principalidade pela inclusão, com a introdução de projetos didáticos e pesquisas, a “pedagogia da diferença” apregoa a diferenciação do ensino, na qual individualmente propõem-se atividades variadas a cada aluno que, a seu ver, sejam mais contundentes, relevantes e excitantes, obstando-as da monotonia e despertando o interesse dos discentes, que recepcionam igual conteúdo, porém ministrado e abordado de maneiras diferentes, ampliando as possibilidades de “consumo” do conhecimento pelos discentes.

Cabe ressaltar que a intermediação e participação do professor é vital nesse processo de construção da identidade e cooperatividade coletiva em sala de aula, respeito às diferenças e tolerância e apanágio à liberdade de expressão, à semelhança de renúncia ao preconceito, à premissa de que há superioridade intelectual entre os colegas e ao determinismo biológico. Além disso, sintonizar a vivência cotidiana dos alunos e o contexto sociocultural no qual estão envolvidos com a grade curricular, segundo Paulo Freire, oportuniza o despertar e o exercício do pensamento crítico e interpretativo dos educandos e reconhece e respeita os saberes dos alunos e sua relevância.

Desse modo, a diferenciação, bem como ressalta Marli André, descarta a ideia de que os problemas possuem uma fórmula “pré-pronta”, admitindo uma ductilidade e flexibilidade na projeção de soluções pedagógicas, que consiste, em seu nível mais elementar, na democratização didática e profissionalização docente necessária e demandada para assegurar um ensino mais igualitário, que explora a infinidade de modos com os quais os discentes dispõem-se a apropriar-se do saber lecionado e captado.

Dessa formação docente, no que lhe concerne, Paulo Freire cita a reflexão crítica acerca das práticas pedagógicas e sua possibilidade e carência de mudança, ação designada como o “pensar certo” pelo educador, isenta de quaisquer discriminações sociais, raciais, etc, que não são inerentemente uma virtude atribuída aos professores, mas é concebido pelo educando, conciliado ao docente, visando-se a “transição” do “senso comum” ou curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, caracterizada pela análise cabal do objeto.

À mostra disso, panoramicamente ao soslaio de Paulo Freire, amparado na educação crítica e libertadora, homóloga da incumbência “recíproco-cíclica” do vínculo

professor-aluno e da interdependência entre ambos os intervenientes do ensino, no tocante ao processo de aprendizagem e sua materialização, salienta-se que o educador verdadeiramente democrático para o autor, ocupa-se do compromisso de estimular e inflamar o senso crítico dos discentes e sua criatividade, majorando a vultuosidade da obstinação e indisciplina dos alunos diante da busca por explicações e conhecimento científico, isentando-os de se tornarem meros “receptáculos” resignados e estoicos de informação e memorizadores e acarretando construção e remodelação do conteúdo ministrado em sala, tanto por alunos quanto por professores, reforçando a sua atuação no processo de aprendizado, afinal, bem como frisa o próprio Freire, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (p. 12).

Em um dinamismo “retro alimentício”⁷ educativo, fomentado pela avaliação formativa, enseja-se o reconhecimento dos pontos fortes, competências e idoneidades do aluno, bem como as suas insuficiências e dificuldades, viabilizando a relativização do conhecimento assimilado.

Além disso, esse modelo didático dá um valioso *feedback* ou *donativa* ao docente acerca do prosseguimento e andamento da aprendizagem dos seus aprendizes, através da observação minuciosa e diagnóstica dos interesses, adversidades e incentivos característicos de cada estudante ao longo do processo de ensino-aprendizagem, permitindo uma prática reflexivo-analítica da efetividade das suas metodologias em sala de aula e no seu melhoramento e inovação criativa, quiçá há necessidade, estabelecendo-se uma relação de confiança entre aluno e educador, dispensando-se a aplicação de avaliações estritamente padronizadas, daí ser intitulada preferivelmente de observação formativa por Perrenoud.

Nesse caso, mesmo as falhas e incorreções cometidas pelos estudantes, descarregam-se das penalidades e punições “prescritas” como castigo pelos erros, tornando-se verdadeiras aliadas na construção de uma educação mais inclusiva e no acompanhamento da aprendizagem da classe e na sua apuração, mediante a normalização do erro dos alunos em meio ao aprendizado e da sua interpretação, rumo ao alcance da diligência da diferenciação do ensino.

⁷ **Retro alimentício:** mecanismo que envolve a continuidade de algo, possibilitada por um sistema constante de reconstituição, reconstrução e renovo. Nesse caso, seria a preservação da educação voltada para os pontos fortes dos alunos, favorecendo a reciprocidade e resposta dessa metodologia através do desempenho dos discentes.

Igualmente a complexidade que o processo de alfabetização representa, caracterizado por Mortatti (2010), é a educação de alunos com SD, porquanto, faz-se necessário não apenas a assimilação de elementos linguísticos e suas significações e semântica de frases, orações e palavras, mas também a interpretação da língua pronunciada ou falada, da linguagem exteriorizada, que está associada a um contexto social, portanto, em concordância com o pensamento de Freire (1987), deve-se instituir uma comunicação estreita entre os conteúdos lecionados no âmbito escolar e o cotidiano e as vivências interpessoais dos discentes, pois segundo Gabriela Moura (2021), o processo de alfabetização é intrincado e abrangente, sendo analogamente complexo de se desenvolver tal aptidão, que se classifica como “função social da linguagem”, ou seja, disciplina os membros de uma determinada sociedade, concernente ao sistema linguístico vigente e compartilhado coletivamente, habilitando-os para a convivência e interação social.

Diante disso, Soares (2009) sublinha que a alfabetização não se restringe e abrevia-se simplesmente a decifração literal da mensagem no seu sentido e forma mais elementar, mas demanda um leitor proficiente, ou seja, que consiga interpretar e transmutar o conhecimento e reconhecer a utilidade social da leitura, como também cita a professora Raimunda (1998), e da escrita, vislumbrar o mundo com um olhar crítico.

Destarte, é de absoluta importância que metodologias adequadas sejam adotadas por professores especializados, a fim de preparar os discentes com necessidades especiais para o mundo que os aguarda, repleto de oportunidades e realidades distintas e desafiadoras, de maneira que consigam interpretá-lo, significá-lo e modificá-lo, deixando a sua pegada, marca e colaboração no e para o mesmo.

Sobre isso, Maria Karolina (2010) ressalta que a facilitação da convivência social na instituição de ensino promove efetividade na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, exclusivamente durante as tarefas, tendo em vista que, segundo Silva (2005), os relacionamentos compartilhados estabelecem-se como suscetador do processo de hominização, em um contexto histórico e cultural.

Há algumas décadas, envolto da concepção popular de capacidade mental infantil, definia-se como a perícia das crianças de contornarem problemas por si mesmas, sem a fiscalização, *script* ou acompanhamento de um tutor, ou professor, como o nível de desenvolvimento real que a referida criança detinha, o qual, no que lhe concerne, condiz com a aquisição de funções mentais consecutivas de etapas

de desenvolvimento concluídas, constatando-se a sua idade mental, por testes avaliativos com complexidades distintas.

Contudo, conforme sublinha Vygotsky, essa convicção não se aplica quando o aprendizado da criança é presidido pela intervenção assistencialista de um docente, de modo que, mesmo na eventualidade de que os alunos possuam igual idade cronológica e mental, dispondo de aptidão para solucionar problemas concernentes a um intervalo etático específico, com a orientação equitativa de um professor e a ausência de fatores externos e imprevisíveis, tais como faltas do estudante por razões clínicas, potenciais entraves que podem intrincar o seu aprendizado igualitário, os desenvolvimentos mentais das crianças podem variar, assim como a sua idade mental, tanto com relação a sua idade cronológica, quanto em comparação com a idade mental dos demais colegas de sala.

Assim sendo, a esse interregno entre o desenvolvimento real (correlacionado com a desenvoltura autônoma nas atividades) e o desenvolvimento potencial, referido como o grau de desenvolvimento da criança em atividades com o amparo de um educador, denomina-se zona de desenvolvimento proximal, que agrega funções e atribuições em decurso de maturação e formação na criança, supramencionadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento” (p. 58) por Vygotsky (1991).

O conceito propalado de zona de desenvolvimento proximal pelo autor, extrapola a diferenciação entre o aprendizado escolar e pré-escolar exprimida por Kurt Koffka, definida como a “tecnicização mecânico-metodológica”, sistematização do ensino e da assimilação do conhecimento do primeiro citado e, exatamente, o caráter empírico e percebido do segundo, oportunizando-se a compreensão da relação entre desenvolvimento e a capacidade de aprendizado, mediante a delimitação de dois níveis de desenvolvimentos já mencionados anteriormente: os desenvolvimentos potencial e real.

A zona de desenvolvimento proximal é indispensável, por retratar um panorama do “futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento” (p. 58), vislumbrando as funções que estão em estágio de amadurecimento e auxiliando na delineação de estratégias didáticas que favoreçam esse “desabrochamento”, bem como despontando a eficácia de métodos diagnósticos para aferir o desenvolvimento mental a problemas educacionais.

Nesse contexto, para Vygotsky (1991), em contraposição à conclusão de testes diagnósticos, o “bom aprendizado” não corresponde ao retrocesso em etapas de

desenvolvimento já superadas pela criança, mas no avanço para níveis mais complexos, influenciando efetivamente no desenvolvimento global do indivíduo e desencadeando o surgimento da zona de desenvolvimento proximal e processos íntimos de desenvolvimento, que serão aplicados em seu convívio social.

Destarte, a comunicação entre a criança e os seus semelhantes é efetivada elementalmente externamente em um âmbito social, para só posteriormente tornar-se uma função mental interna e introspectiva. À vista disso, o autor demonstra que o sociointeracionismo e orientação intervencionista são fulcrais para o desenvolvimento do pensamento abstrato de estudantes com deficiências intelectuais, sendo necessário desvencilhar-se de um sistema de ensino padronizado, concreto e engastante,⁸ que é inefetivo, contribui para reforçar as dificuldades de alunos com especificidades e, além disso, proporciona o “engessamento” dessas pessoas a um pensamento concreto e “prototipado”,⁹ inibindo quaisquer resquícios de abstração intelectual.

Em um dos testes realizados por Adriana Cristina (2021), constatou-se que deficientes intelectuais apresentam significativa melhoria do desempenho em escolas regulares, comparativamente a instituições educacionais especiais, desenvolvendo capacidades arrojadas para uma explanação e decodificação literal ou textual competente.

Tendo em vista tal assinalação, menciona-se Costa (1997), que se refere a aptidão interpretativa-literária e a decifração da linguagem escrita, como habilidades adquiridas por indivíduos com necessidades especiais que promovem a sua independência e autonomia para explorarem o mundo e construírem uma perspectiva particular acerca do mesmo e se inserirem inclusivamente no quesito social.

Com isso, contextualiza-se que desafios são essenciais e inevitáveis durante a vivência das pessoas, e privar deficientes intelectuais das dificuldades e complexidades da vida, por conta da superproteção familiar e da subestima de instituições acadêmicas às capacidades desses alunos, destinando aos mesmos estímulos menos “exigentes” ou difíceis, segundo Rosa Maria (2001), obsta o amadurecimento dessas pessoas, crescimento pessoal e adquirento de equilíbrio

⁸ **Engastante:** adjetivo sinônimo de torturante, excruciante, agonizante, enjoativo, etc.

⁹ **Prototipado:** no contexto no qual foi posicionado no texto, refere-se à padronização do “pensar” por metodologias engessadas de ensino, à sistematização da criação de ideias a partir de um modelo (protótipo) que não “abre alas” para a imaginação.

emocional, além de impossibilitar a sua inserção social concreta, desenvolvimento de responsabilidade e independência e fixação do conteúdo aprendido.

O homem reage aos estímulos e fatores externos, julgando as possibilidades, probabilidades através das experiências e, posteriormente, recorrendo à ciência para isso, adquirindo conhecimento e aprendizado no percurso, a fim de assegurar a sua sobrevivência e adaptabilidade ao ambiente de instalação, denotando as fases do “construtivismo”, teorizada por Jean Piaget, relacionada a evolução da inteligência humana, primordialmente empírica, mas que gradativamente, tornou-se fundamentada na ciência.

Rosa Maria (2001) realça que a expansão do conhecimento se dá mediante a complementação e balanceamento entre a teoria e prática, à medida que há a ponderação das ações empreendidas e suas consequências, a nivelação entre os propulsores desses atos, tais como a razão, a emoção e os aspectos sociais, individuais e éticos, a partir das conclusões obtidas através da compensação entre senso comum e ciência.

Conforme cita Gabriela Moura (2021), anteriormente, pessoas com deficiência intelectual eram nomeadas de idiotas, mongoloides (um termo concedido por John Langdon Down, o qual, inspirado pela obra darwiniana “A Origem das Espécies”, que basicamente disserta acerca da evolução biológica dos seres vivos e da seleção natural, afirmou em suas conclusões “científicas” que as características fenotípicas dos portadores de SD remetiam ao povo mongol, que seria evolutiva e geneticamente menos avançado) e cretinos, dentre outros termos depreciativos e equivocados, mas que hoje em dia são completamente inaceitáveis, bem como concluído por Mazzotta, que se centra no estudo de leis e documentos vinculados a inclusão de pessoas com necessidades especiais e assinala que o respeito e medidas que proporcionem o surgimento de possibilidades a esse grupo, acompanhem a alteração das terminologias e pronúncias para que os direitos assegurados sejam exercidos.

Atualmente, conforme ressalta Gabriela Moura (2021) e corrobora no gráfico contido em seu artigo, a expansão e conquista de maiores direitos garantidos a esse grupo, proporcionados legislativamente, possibilitaram um salto no quantitativo de matrículas de deficientes cognitivos em instituições de ensino regulares, avanços rumo a inclusão da educação resultantes de movimentos sociais e conferências internacionais, cujas decisões recaíram também sobre o cenário nacional, e a minimização da exclusão social e educacional, genericamente falando, que

representaram relevantes mudanças e beneficiaram indivíduos com necessidades específicas.

Valendo-se do “gancho” proporcionado pelo levantamento desse assunto, que diz respeito a promoção e viabilização de inclusão, a efetividade desse processo que, cabe ressaltar, ocorre lentamente no Brasil, pois há arraigado um plano pedagógico específico que impede a sua revisitação e adesão de métodos mais inclusivos, de acordo com Rosa Maria (2001), se dá mediante a participação e engajamento ativo de deficientes intelectuais na sociedade, resultante no estreitamento das relações sociais e corrobora para um maior sentimento de pertencimento, identificação social e aceitação das suas particularidades pelos demais integrantes da coletividade e os tornem parte de algo mais amplo e não somente integrantes “anônimos”.

A tecnologia tem se apresentado como uma ferramenta conveniente na alfabetização de uma geração “digitalizada” que desde a mais tenra idade interage por meio de aparelhos tecnológicos e utiliza os recursos oferecidos pelos mesmos, conforme cita Marques (2018).

Nesse contexto, Rosa Maria aborda acerca das benesses que o uso de computadores para fins educativos oportuniza, possibilitando que os alunos tenham acesso ao conhecimento de diversas formas, “lançando mão” dos cinco sentidos para tal, de maneira que as necessidades individuais sejam atendidas e os seus pontos fortes, correspondentes ao seu tipo de inteligência (se refere a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner), possam favorecê-lo na execução das tarefas propostas, além de estimular o aprimoramento e prática de outras inteligências no processo.

No tocante às alterações dos procedimentos didático-pedagógicos aderido pelos docentes, intencionando a inclusão do ensino, e às ações empreendidas pelas escolas com esse mesmo objetivo, sob a perspectiva de Mantoan (2003), a instituição de ensino não necessária e obrigatoriamente tem de estar apta a recepcionar os alunos imediatamente, aproximando-se das metodologias que beneficiam não somente crianças com deficiência, mas pode ir adequando e aprimorando as estratégias e infraestruturas instrutivas, à medida que as mesmas adentram-na e os empecilhos que emergirem possam ser contornados, promovendo um ambiente que valorize a diversidade intelectual e social dos discentes.

A presença de duas professoras, uma auxiliar e outra regente, em sala de aula, viabilizava um atendimento e assistência mais especializado e minucioso, por parte da professora auxiliar, o que, para Silva (2010), é um fator expressivo em importância,

pois colabora para a efetividade da inclusão. Voivodic (2005) releva que as transformações pedagógicas devem ser democráticas e integradoras, favorecendo a todos.

Em suma, a eficiência e eficácia das metodologias aderidas em prol do atendimento das especificidades de pessoas com deficiência deve ser comprovada cientificamente, seja consoante a análise das fragilidades ou dos pontos fortes dos alunos, pois dessa maneira, para Gabriela Moura (2020), a inclusão estará sendo definitivamente promovida e alunos com necessidades especiais estarão “ganhando terreno” e maiores oportunidades.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo de caso, com elementos de intervenção, desenvolvida a partir de oficinas, a metodologia a ser utilizada nesta pesquisa se dará por meio de visita a Associação Vitória Down, observação da participação das crianças com síndrome de Down e seu desenvolvimento por meio das oficinas, participação em oficinas, entrevista contendo 10 perguntas a serem respondidas por 7 dos profissionais responsáveis, entre eles pedagogas, psicóloga, assistente social, musicoterapeuta, educador social e coordenadora de projeto. Ademais, será aplicado a 10 familiares de usuários da Associação Vitória Down um questionário que será disponibilizado via Google Forms contendo 13 perguntas, classificada como pesquisa qualitativa.

De acordo com Fávero (2011, p.49):

A “pesquisa-intervenção é tomada no sentido da pesquisa que gera transformação e ao mesmo tempo obtém dados do processo subjacente a ela”, isso, segundo ele, favorece mudança para os sujeitos que dela participam e traz informações pertinentes ao processo ocorrido.

A relevância desta pesquisa reside no despertar para importância da inclusão e autonomia de pessoas com síndrome de Down por meio da alfabetização. A alfabetização e o letramento são meios para as pessoas alcançarem a autonomia em vários aspectos de sua vida, e para as pessoas com síndrome de Down não difere, assim negligenciar o direito à alfabetização pode acarretar grandes perdas em seu desenvolvimento.

Ademais, é sabido que as dificuldades na alfabetização são mais potencializadas devido à condição biológica da pessoa com síndrome de Down, portanto se faz necessário uma dedicação, e capacitação ainda maior para se alcançar resultados satisfatórios na alfabetização dos mesmos. Com metodologias ativas temos vários meios e maneiras de empregar ensino, tornando-o mais lúdico e atrativo.

Durante o desenvolvimento deste estudo, buscou-se entender como, e quais as metodologias eram empregadas para dar suporte no desenvolvimento da alfabetização de maneira eficaz e inclusiva.

4.2 LOCAL DE ESTUDO

A pesquisa foi realizada na Associação Vitória Down, localizada na R. Nahum Prado, 50 - Republica, cidade de Vitória - ES. A Associação Vitória Down atua desde 1998 lutando pelos direitos das pessoas com T21 e auxiliando famílias, com um membro com T21, para isso conta com uma equipe de 22 colaboradores, atendendo atualmente 190 usuários, sendo destes 46 usuários de 0 a 12 anos que participam de oficinas uma vez por semana, além de outros atendimentos como fonoaudiólogo, psicólogo, e fisioterapia que também acontecem uma vez por semana, todos os atendimentos são oferecidos de maneira gratuita.

4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A pesquisa foi realizada com elementos de intervenção, desenvolvida a partir das Oficinas ofertadas na Associação Vitória Down com crianças em idade de 6 a 12 anos, e entrevista contendo 10 perguntas a serem respondidas por 7 dos profissionais responsáveis, entre eles pedagogas, psicóloga, assistente social, musicoterapeuta, educador social e coordenadora de projeto. Ademais, será aplicado a 10 familiares de usuários da Associação Vitória Dow um questionário que será disponibilizado via Google Forms contendo 13 perguntas.

Nas oficinas serão trabalhados a lateralidade, equilíbrio, membros, coordenação, socialização, formas, memorização, oralidade entre outras habilidades, com uso de brinquedos, música, dança, leitura de historinhas. Para explorar a lateralidade e noção de espaço e proposto as crianças segurarem em uma corda em formato de círculo e atender aos comandos como girar para o lado direito e esquerdo, e fechar e abrir círculo. Uma das maneiras de se trabalhar o equilíbrio nas oficinas é convidando a crianças a passar por cima de uma ponte imaginaria feita com uma corda esticada onde a criança deve passar olhando para frente pisando na corda. Por meio da música e dança é possível trabalhar os membros usando, por exemplo, a canção: Cabeça, ombro, joelho e pé.

Com a massinha de modelar é possível trabalhar as formas, cores, coordenação, e a socialização, também para trabalhar a coordenação poderá ser usado uma bola fazendo a brincadeira de passar a bola com as duas mãos e depois com uma mão apenas. A memorização fica por conta dos jogos de memória que

podem ser confeccionados pelas próprias mediadoras das oficinas ou serem industrializados, ademais, os jogos são direcionados para diversas habilidades como atenção, raciocínio lógico, linguagem e controle inibitório.

A contação de histórias nas oficinas permite ser trabalhado a oralidade, uma vez que é sabido que as crianças com síndrome de Down têm dificuldades em desenvolver a fala, ademais, por meio das histórias é trabalhado o reconhecimento de letras, números e cores, assim, será contado uma história e na sequência será realizado uma brincadeira com o jogo da memória para um melhor aproveitamento da oficina, mas sempre de maneira prazerosa para uma maior memorização. A pesquisa terá como produto final a elaboração de guia de didático impresso contendo instruções e informações acerca dos benefícios do lúdico por meio de oficinas para a alfabetização, e desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down.

Entre as coisas de que a criança gosta está o brincar, um dos seus direitos. O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário. (KISHIMOTO, 2011, p.10).

O brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que, no futuro, tornar-se-ão seu nível básico de ação e moralidade. (VYGOTSKY, 1994, p.114).

Assim, entende-se que o brinquedo possui funções associadas ao seu uso potencial e, simultaneamente, significação social produzida por sua imagem, que extrapola, por vezes, sua funcionalidade inicial.

Durante a realização da contação de história, e das brincadeiras será necessário primeiramente conquistar a atenção das crianças, pois existe o risco de algumas terem resistência, uma vez que será uma pessoa estranha que estará ministrando essa atividade para elas, assim, se fará necessário durante as oficinas na intenção de deixar de ser uma pessoa estranha se socializar e gradualmente ir criando laços com as crianças para conquistar sua confiança e atenção quebrando o gelo para que elas possam se sentirem à vontade e participarem da contação de história de maneira prazerosa e produtiva, e mais do que nunca se fará necessário reformular o lúdico como ferramenta de estudo e aprendizagem.

Assim, é de extrema importância conhecer e respeitar a opinião dessas crianças para se elaborar brincadeiras atrativas e prazerosas onde cada uma dentro do seu tempo consiga alcançar e devolver conhecimentos pedagógicos. Provar os benefícios do brincar e das brincadeiras como ferramenta na alfabetização de crianças como Síndrome de Down é imprescindível para um melhor aproveitamento do ensino, por isso o projeto irá trabalhar para alcançar esse objetivo.

Para as crianças com Síndrome Down, as brincadeiras são benéficas uma vez que diversas delas, assim como a contação de histórias, permitem à criança desenvolver habilidades relacionadas ao aspecto cognitivo, explorando desenvolvimento do raciocínio, pensamento, memória, abstração, imaginação, linguagem, entre outras características importantes. Outrossim, por meio do brincar e de metodologias ativas é possível trabalhar a alfabetização de maneira natural e espontânea.

4.4 PRODUÇÃO DE DADOS

Para dar início a pesquisa foi feito o convite a instituição participante, ademais, tudo foi devidamente explicado para que a intenção da pesquisa ficasse clara, e com aceite, foi enviado um Termo de Autorização da Instituição Coparticipante (ANEXO B), assinado pela Presidente da Associação Vitória Down.

Após a assinatura do termo de autorização da instituição coparticipante, foi feito um convite aos possíveis participantes, onde mais uma vez tudo foi devidamente explicado para que a intenção da pesquisa ficasse clara. Com o convite aceito foram enviados aos 7 profissionais envolvidos nas oficinas, entre eles pedagogas, psicóloga, assistente social, musicoterapeuta, educador social e coordenadora de projeto, e aos 10 pais/responsáveis, e as 10 crianças participantes. Com convite aceito foram enviados os, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos profissionais e responsáveis (ANEXOS C, D), e as crianças foi enviado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (ANEXO E), após os termos assinados iniciou-se a produção de dados, por meio de análise de documentos, aplicação de questionários com perguntas e entrevistas.

Os sujeitos da pesquisa foram profissionais, e familiares de crianças com síndrome de Down. Assim, foi realizado um momento de intervenção com as crianças, por meio da proposição de uma oficina de contação de histórias e brincadeiras. O

aspecto metodológico do estudo caracterizou os instrumentos de coleta de dados, o campo de investigação e os sujeitos participantes, simultaneamente, em que aos dados foram coletados ao longo da investigação e suas respectivas análises.

4.5 ANALISE DE DADOS

Por intermédio da visita efetivada a Associação Vitória Down, adjuntamente a perquirição concretizada, fez-se possível correferir a influência prática das oficinas lúdico-didáticas na alfabetização de crianças com T21, as quais laboram desígnio axial nesse processo progressivamente promotor da desenvoltura social e linguística.

Os resultados das entrevistas com os profissionais da Associação Vitória Down esboçam visivelmente esse asserto, dado que, em significativa demasia, atestou-se para a serventia desse aparato metodológico para o fim estipulado ao qual se propôs cumprir. Equivalentemente a bilateralidade do ensino e do aprendizado dos usuários, comprovada pelos responsáveis, a apropriação do conteúdo programático tem factualmente demonstrado a eficiência das ferramentas pedagógicas utilizadas, através do melhoramento de apanágios como cognição, interações interpessoais, fala e motricidade, exemplificativamente, cuja demonstração da fluidez florescente do desenvolvimento dessas crianças é incisiva para que a instrumentação enfoque nessa vertente. Afinal, a eufonia¹⁰ entre as metodologias adotadas e a sua eficácia é fulcral e sustenta um mecanismo “retornável” e cíclico.

Para isso, a inclusão inaugura-se como a palavra-chave, conjuntamente com a assistência profissional devida às limitações particulares de cada estudante, com reforço em determinadas etapas do processo educativo. Sabe-se que, embora detenham a mesma idade cronológica, as crianças podem possuir habilidades intelectuais variadas, exigindo um recuo ou avanço consciente do profissional no “compasso” das oficinas. Uma das funcionárias da Vitória Down, a coordenadora de projetos, por exemplo, expôs que nas oficinas o nível cognitivo é bastante diversificado, mesmo entre crianças de igual faixa etária.

Assim como afirma Vygotsky (1991), a zona de desenvolvimento proximal (ínterim entre o desempenho independente nas atividades pelos alunos e as tarefas intermediadas por um instrutor) é crucial para haver um acompanhamento preciso das

¹⁰ **Eufonia:** uníssonos, harmonia, consonância, etc.

dificuldades e capacidades dos alunos e das funções em desenvolvimento. Desse modo, os professores podem repaginar seu planejamento de ensino, pois como foi oportunamente pontuado por Freire (1996), “aquele que ensina aprende ao ensinar”.

Nessa conjuntura, musicoterapia, narração de histórias e abordagens lúdicas e com destaque praticamente exclusivo as brincadeiras presentes nas oficinas, viabilizam a socialização, a manutenção da ergonomia e padrão postural correto, aprimoramento da fala e da mobilidade, lateralidade e psicomotricidade, dentre outros aspectos. Inclusive, essas prerrogativas compõem um espaço amostral dos pontos positivos das oficinas, elencados pelos familiares dos alunos, como também o aperfeiçoamento da concentração, da leitura e o desenvolvimento geral, despontando que as oficinas foram benéficas na percepção dos responsáveis, cuja receptividade e atestamento foi de 100% para a sua valia.

Quanto aos entraves que obstam substancialmente a evolução escolar de alunos com SD (Síndrome de Down), cabe ressaltar a flacidez do aparelho fonoarticulatório, por exemplo, que compromete a expressão verbal da informação incorporada, na externalização do pensamento, já a dificuldade de interatuar com outros indivíduos e o déficit cognitivo também constituem-se como uma barreira relevante, assim como a aceitação, citada por um dos responsáveis entrevistados.

De igual modo, a extemporaneidade do desenvolvimento neuropsicomotor estorva a exploração do ambiente pelos portadores dessa condição genética. No questionário realizado, uma das respostas para a indagação “Qual a maior dificuldade enfrentada pelo seu filho (a) durante o processo de alfabetização?” incluíram “a escola perceber a sua capacidade de reconhecer e valorizar o que ele sabe. Incluir, incentivar e estimular respeitando seus limites e “profissionais capacitados na escola”.

Dessarte, revela-se que as práticas metodológicas da instituição e o amparo capacitado de um profissional qualificado também constituem-se como obstáculos citados pelos familiares para o aprendizado dos estudantes. Além disso, a memorização a curto prazo em estudantes com SD é dificultada, semelhantemente à reminiscência das informações apreendidas auditivamente.

Nesse sentido e de maneira coesa, as oficinas apresentam atividades de memória interativas com as crianças, trabalhando essa habilidade precocemente, iniciativa que implica em um tempo mais prolongado para a sua assimilação efetiva, bem como a motricidade e a bagagem vocabular, conforme ressaltam Zausmer (1993) e Pimentel (2019). Repetir e recapitular passos que por ventura não tenham sido

plenamente concluídos é uma praxe desenvolvida pela coordenadora projetos da Vitória Down, C.B: “Eu sempre trabalho as funções executivas para alcançar as habilidades em defasagem e potencializar as que a criança já sabe, assim avançando e repetindo sempre que necessário”, diz.

Ainda segundo Pimentel (2019), por possuírem complicações em se expressarem pela fala, deve-se atentar aos demais mecanismos que indivíduos com SD utilizam para se comunicarem, como, por exemplo, por gestos, imagens e desenhos, comportamento que uma das mães entrevistadas vivenciou com a seu filho.

A responsável em questão, informou que certo dia o filho ansiava por passear e tentou expor verbalmente isso à mãe, no entanto, em uma tentativa frustrante, visto que não compreendeu o que lhe pedia. Conseqüentemente, mostrou imagens de carrinhos de bebê (a mãe caminhava com ele e seu irmão recém-nascido) a genitora, assim como reproduziu o que seria o movimento giratório de um volante de veículo.

Por fim, a mãe interpretou os gestos e entendeu o que o filho dizia. Tal fato demonstra a valia do uso das formas de comunicação para mais da oralidade e a utilidade da exposição visual em ocasiões como a relatada. O uso da ferramenta visual pelos professores é incentivada por Casarin (2005), Buckley (1992), Cupples e Iacono (2012) e Rondal (2006), uma vez que atenuaria a deficiência da memória auditiva, consistindo em um ponto forte para Alves (2018), Troncoso e Cerro (2004).

Acentua-se, entretanto, que a consciência fonológica e a correspondência fonema-letra é imprescindível no aprendizado da leitura e da escrita, estabelecendo-se como tópico indispensável ao ensino. Desse modo, Sás (2009) realça que essas aptidões necessitam ser abordadas gradativamente com discentes com T21 e com temáticas correlacionadas entre si, como rimas e sílabas.

Como é bem-sabido, a alfabetização esculpe o indivíduo culturalmente para a vivência em sociedade e é um fato social determinístico para o comportamento coletivo e a comunicação e, conseqüentemente, a não exclusão social. Desse modo, a coordenadora de projetos C.B, não à toa, capitula a aquisição de habilidades básicas de ler e escrever como um item vital a ser trabalhado nas oficinas.

Por isso, a contação de histórias, já referenciada anteriormente, estrutura-se como um artifício tempestivo para a compreensão de caracteres alfanuméricos, de números e cores e para o apuramento da oralidade, pois impele nas crianças a associação de objetos, as palavras os nomeiam, tal qual Moraes (1997) destaca.

Cifra-se, por conseguinte, como um estímulo do meio no qual essas crianças estão inseridas, incidindo diretamente sobre a aprendizagem dos estudantes, em consonância com o pensamento de J. Schwartzman (1999), o qual afirma que o entorno que os cerca é determinante para o desenvolvimento de pessoas com SD.

Quanto a isso, observou-se que as salas de aula da Associação Vitória Down são multicoloridas, convidativas e dispõem de um *layout* criativo. Infere-se, desse modo, que o propósito da ambientação recreativa centra-se em tornar o local de aprendizado mais estimulante e confortável para os aprendizes.

Aliás, investir em recursos tecnológicos em sala de aula para cometimentos pedagógicos é extremamente vultoso, haja vista que a geração contemporânea apresenta maior familiaridade com os dispositivos eletrônicos. Na Vitória Down, as crianças interagem e se divertem por meio da play table utilizada como recurso tecnológico para estimular os processos cognitivos. Nela há jogos para trabalhar memória, raciocínio lógico matemático, leitura e interpretação de texto, desenho livre e contação de história, tornando a educação mais prazerosa e, novamente, estimulante.

Em relação à geração “digitalizada”, adjetivada por Marques, Rosa Maria (2001) frisa que a tecnologia propicia o contato com o conhecimento de diferentes maneiras e a sua apreensão, de formas variadas, além de aguçar os cinco sentidos e favorecer o atendimento às especificidades de cada aluno.

Permitir que as crianças com SD experimentem momentos desafiadores e não subestimar a sua capacidade de resolvê-los ou conceder soluções “prontas” aos problemas, instiga o seu amadurecimento, de acordo com Rosa Maria (2001). Para a desenvoltura da autonomia e independência, Costa (1993) destaca que a proficiência literal e a descrição interpretativa crítica do mundo são decisivos nesse processo.

Compensa salientar, reportando ao que já foi dito anteriormente, que cada criança apresenta desenvolvimento cognitivo distinto e nível de desempenho díspares, ainda que possuam mesma idade cronológica. Sob esse viés, C.B, a coordenadora dos projetos da Associação Vitória Down, afirma que esquematizar um plano individual voltado para a dificuldade particular de cada aluno é oportuno: “Planejar individualmente, antes de inserir algo novo sempre repetir o conteúdo anterior, atividade sempre visual”.

Essa compreensão aproxima-se da “pedagogia da diferença” concebida por Marli André (2006), que defende a diferenciação do ensino e a abordagem dos

conteúdos programados com tarefas variegadas e compatíveis com o conhecimento usufruído pelo discente. Isto posto, a inclusão, o interesse do aluno na atividade proposta e a aprazibilidade são viabilizados.

A coordenadora C.B também salientou o encadeamento escola-família no processo de ensino-aprendizagem, ressalva feita semelhantemente por Zausmer (1993) e Pimentel (2019) para a assimilação do conhecimento nos estágios preliminares e estimulação precoce, contíguo à intervenção especializada: “Conhecer a individualidade do aluno, trabalhar em íntima parceria com a família e com os profissionais que trabalham com o aluno”, além da priorização da promoção da autoestima, independência, autoimagem e interação social.

Nesse quesito, a capacitação profissional é de suma importância, dado que a trajetória de aprendizagem de crianças com SD é mais vagarosa e carece de determinação, paciência e práticas pedagógicas alinhadas com as necessidades vigentes. Para isso, a maleabilidade e versatilidade do docente na resolução das adversidades é crucial, culmina na democratização do ensino e revela não haver fórmula prescrita para todos os problemas.

Assim, “pensar fora da caixa”, dispensar restrições e promover o sociointeracionismo são relevantes no trâmite da educação de crianças com especificidades, porquanto induzem a desenvolvimento da abstração intelectual pelos alunos, retirando-os da monotonia de um sistema padronizado, engessado e desinteressante, conforme destaca Vygotsky, e tornando-os protagonistas e alvos do processo educativo.

4.6 DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO

Este plano foi pensado para despertar a criança mágica que existi em cada um de nós por meio da leitura, da cotação de história, sendo possível uma interação eficaz entre todas as crianças. As atividades foram planejadas e realizadas na Associação Vitória Down, localizada em Vitória – ES, com crianças de 6 a 12 anos, em três momentos:

A cotação de história ocorreu no primeiro momento, onde foram trabalhadas habilidades de socialização, concentração, criatividade, além do aspecto cognitivo.

Já no segundo momento foi realizado uma atividade lúdica utilizando o jogo da memória como ferramenta, este jogo foi confeccionado com imagens que faziam

referência as imagens abordadas na história, assim foi possível trabalhar aspectos como concentração, raciocínio lógico, socialização, e memorização.

No terceiro momento foi realizado uma roda de conversa onde as crianças, assim como a pesquisadora, e as mediadoras da oficina relataram um pouco das brincadeiras que sua criança mágica já fez e as que ainda gostam de fazer, foi um momento de muito interação, e demasiadamente proveitoso.

Figura 1 – Associação Vitória Down



Fonte: Cris Kiki (Google)

O espaço utilizado na Associação Vitória Down foi o auditório tendo em vista seu espaço amplo e equipado com espelho, tapetes emborrachados entre outras ferramentas que foram uteis para o desenvolvimento da atividade.

As visitas, assim como, a ministração da contação de história foram programas com a pedagoga E.F, com a permissão da presidente da Associação Vitória Down, e supervisão da coordenadora C.B.

Figura 2 – Apresentação do livro que foi abordado



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Antes começar as crianças foram informadas pelas mediadoras a pedagoga P.B e educadora social M.C da oficina que seria realizado uma contação história para elas. Assim que foi apresentado o livro, A Criança Mágica, as crianças já interagiram bem, o que permitiu um momento ainda mais prazeroso.

Primeiro momento

As crianças devem ser convidadas a sentarem em círculo, o professor contará a história, de Lilian Menenguci, A Criança Mágica:

Fechou os olhos. Olhou para dentro.

Decidiu brincar com o que ia e vinha no seu pensamento.

- Hum, são muitas coisas!

Tentou escolher.

Mas, o pensamento pensa!
Nada pode o deter.
Um ir e vir criativo, e, sempre, cheio de estilo.
O pensamento tem vida própria não é só isto ou só aquilo.
Então, voou nas nuvens altas uma imensa plantação de algodão.
Sempre alto e mais alto sem tirar os pés do chão.
Nelas, modelava bichos. Esculpia objetos e coisas.
Imprimia curiosas fotos, de paisagens e de pessoas.
Tudo era fantástico, não podia negar.
Brincava até de ser vento, respirando, puxando e soltando o ar.
Testava a gravidade pulando no pula pula.
Achou que fosse astronauta pisando na grande lua.
Brincou de pique-esconde dentro do guarda-roupas.
Depois andou a cavalo com os cabos de vassouras.
Dirigiu carros, ônibus e caminhões com volantes feitos das tampas de painéis.
Até deu show musical tirando sons de todas elas.
Transformou poças d'água em rios, mares e oceanos geniais.
Atravessou com todos eles, com seus barcos e navios de jornais.
Também fez chover, molhando as mãos e sacudindo. Só para ver os pingos,
gotas que no chão iam caindo.
Com a luz da lanterna desenhou o sol, do nascer ao se por.
Trouxe salpicadas estrelas sobre a gruta feita com o cobertor.
Olhava dentro do espelho e uma pessoa também olhava. Tinha a sensação de
conhecê-la mas ninguém dizia nada.
Brincou de escolher a atividade artista ou docente?
Quem sabe ser do campo e também ser presidente?
Lambuzava-se com os batons. Fazia uma grande meleca!
Experimentava brincos, colares, chapéus, gravatas e cuecas.
Arramou as bonecas e bonecos. E, dizia: - Não saiam daí, senão vocês caem.
Estava mesmo era imitando a mamãe e o papai.
Jogou talco nos cabelos, penteou para desembaraçar os nós. E quando se
percebeu parecia com seus avós.
Então, devagar, abriu os olhos notou que tudo era uma imensa página de uma
história escrita e vivida pela sua criança mágica.

Assim, logo pode entender que a criança mágica, mora em mim e em você.

Após a história, foi perguntado as crianças quem era o mágico, e alguns disseram que o mágico era eu, pois estava caracterizada com cartola e capa de mágico, mas tiveram aqueles disseram que o magico era ele próprio entendendo prontamente a história que defende que a criança mágica, mora em mim e em você, e teve ainda os que não disseram nada, mas todos ouviram com muita atenção.

Quando perguntados se já conheciam as brincadeiras que a crianças mágica da história nos trouxe alguns responderam que sim bem entusiasmados, outros ficaram em silencio, e diante disso foram perguntados se eles achavam que seria possível navegar com barquinhos de papel utilizando uma bacia com agua, e com os olhinhos brilhando disseram que sim, então mostrei a eles imagens de crianças brincando com seus barquinhos coloridos em disputa para ver que barquinho chegaria primeiro.

Aos que estavam mais tímidos e interagindo menos foram oferecidos a cartola e capa de mágico, aceitaram e entre eles revezaram a vez de usar. De um modo geral o balanço foi positivo, uma vez que todos interagiram e em algum momento da história e fizeram suas contribuições o que contribui demasiadamente para eficácia da dinâmica.

As mediadoras da oficina a pedagoga P.B e a educadora social M.C estiveram presente durante toda dinâmica e suas contribuições foram imprescindíveis para a interação das crianças.

Figura 3 – Contação de história



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 4 - Contação de história



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Segundo momento

Neste momento foi realizada uma atividade lúdica direcionada com as crianças com síndrome de Down com idade cronológica diferentes, mas com nível intelectual aproximados. Para essa atividade foi confeccionado um jogo da memória com imagens que faziam referência a história contada no primeiro momento.

Figura 5 – Jogo da memória utilizado na atividade



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 6, 7 – Realização da atividade pelas crianças

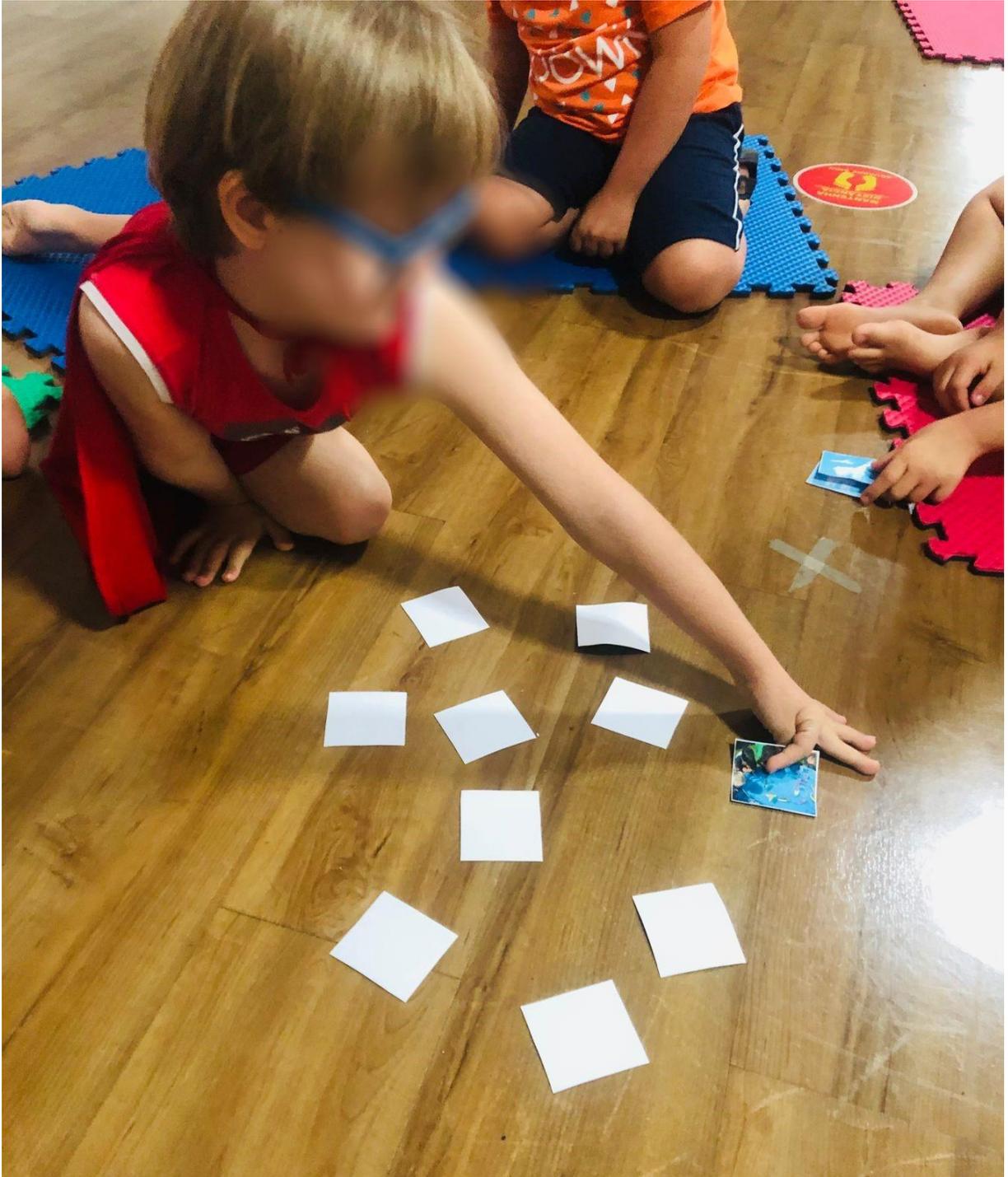


Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Das crianças que realizaram a atividade apenas uma não quis participar diretamente, mas memorizava de maneira impressionante onde estavam as figuras repetidas e com auxílio das mediadoras falava onde estavam cada figura, as demais crianças interagiram bem e repetiram as partidas algumas vezes bem animados.

Ademais, é sabido que o processo de aprendizagem acontece e tempos diferentes para qualquer criança, e para as crianças com síndrome de Down essa questão é ainda mais potencializada, sendo de suma importância respeitar e observar com muita sensibilidade o tempo de desenvolvimento de criança para auxiliar da maneira mais eficaz possível nesse processo.

Figura 8 – Realização da atividade pelas crianças



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 9 - Realização da atividade pelas crianças



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 10 - Realização da atividade pelas crianças



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Terceiro momento

Neste momento foi realizado um diálogo com todos as crianças mágicas, usuários, pesquisadora, e mediadoras que participaram das atividades ao longo do plano. Foi um momento muito gratificante de socialização e inclusão, onde todos fizeram suas contribuições contando um pouco de quais brincadeiras e prestidigitação a sua criança mágica mais gostava.

O sociointeracionismo e o entrosamento viabilizados por essas atividades são, na perspectiva vygotskyana, sinônimos de desenvolvimento da abstração intelectual e inventividade em crianças com necessidades específicas, desatando a aprendizagem ao marasmo e de um ensino padronizado e maçante. Ainda em menção a Vygotsky (1991), ressalta-se que o autor alega que a convivência social proporciona a internalização da fala e da comunicação, preliminarmente praticadas extrinsecamente. A socialização corresponde à “zona experimental”, quando a criança aplica as suas funções em progressão.

Continuadamente a descrição da experiência primorosa vivenciada com as crianças, expõe-se que alguns usuários estavam muito entusiasmados e outros mais discretos, mas com direcionamento, todos interagiram muito bem. Um dos momentos mais especiais foi presenciar uma inclusão eficaz onde com muito respeito ao tempo de desenvolvimento de cada um, as crianças faziam a torcida gritar e torcer pelo colega que estava na vez de descobrir onde estavam as peças iguais.

Esta atividade relatada aqui neste estudo pode ser praticada na sala de aula tradicional como exercício para socialização, interação, autonomia, memória, concentração, criatividade, aspecto cognitivo, e assim ir avançando para uma inclusão eficaz. Para isso, transformar o ambiente em um local acolhedor é elementar para haver estimulação benéfica e condicionante do desenvolvimento multimodal, conforme frisa Voivodic (2005) e Gabriela Moura (2021), em consonância com o seu pensamento.

Ao final das atividades desenvolvidas foi possível constatar que por meio das oficinas ofertadas, sempre de maneira planejada e direcionada pelos profissionais da Associação Vitória Down, as crianças com síndrome de Down tem seu desenvolvimento assegurado, e isso acontece com dinâmicas como contação de história que trata habilidades de cognição, criatividade, memória; jogos e brincadeiras como jogo da memória que desenvolvem a atenção, linguagem, raciocínio lógico,

controle inibitório, e autonomia; música e dança que exploram a psicomotricidade, concentração, coordenação motora, socialização, as oficinas se complementam e se reforçam.

As oficinas são realizadas com materiais coloridos, formas (redondo, quadrado, retângulo, triângulo), livros, brinquedos, alfabetos móveis, sempre por intermédio de um profissional.

Assim sendo, instigar os alunos ao desenvolvimento desses dotes, por metodologias pedagógicas eficazes, oportuniza o apresto de pessoas com T21 ao mundo que os espera, para serem aptos a transformá-lo e encarar as adversidades que surgirem. Quanto a isso, Maria Karolina (2010) afirma que a interação social facilitada promove a hominização¹¹ histórico-cultural dos alunos, especialmente no decorrer das atividades.

¹¹ **Hominização:** corresponde ao processo milenar de formação do ser humano como um todo, seja no âmbito sociocultural, intelectual ou físico, e à evolução dos homínídeos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora se caracterizem como fatores sociais, a alfabetização e o letramento, processos constitutivos da educação, diferem-se quanto ao seu conceito e ao escopo, porém, é consenso que ambos são impreteríveis e complementares para a lapidação cultural e social dos indivíduos acerca dos padrões morais e éticos vigentes, habilitando-os para a interessoalidade em coletividade.

Consequentemente, em face da seriedade do amestramento desses processos para uma inclusão factual e para a democratização do ensino, pactuou-se que a disponibilização de uma educação de qualidade e ensimesmada com as especificidades de cada discente é crucial para que não se reforce a discriminação e exclusão social de indivíduos com SD.

Nesse sentido, em proveito do suporte e intermediação oferecidos pelo docente com capacitação profissional ao discente, deve-se fazer do aluno o protagonista do seu próprio aprendizado e implementar práticas e projetos pedagógicos condizentes com as demandas dos aprendizes. Quanto a essas “orientações estratégicas”, a Vitória Down, Associação visitada e local base para a presente dissertação, realiza oficinas criativas e didáticas, que abordam com ludicidade conteúdos tais como alfabetização, psicomotricidade e memorização.

Através do acompanhamento dos resultados coletados na Associação Vitória Down e mediante o relato dos responsáveis entrevistados, concluiu-se que os comentários acerca das oficinas são, em larga escala, bastante positivos e que, segundo as respostas divulgadas, promoveram a ampliação da concentração, escrita e sociabilidade dos estudantes, “etc” dos envolvidos.

Durante a realização das atividades, a autonomia das crianças participantes é assegurada, uma vez que os profissionais garantem assistência aos alunos, porém, preliminarmente permitem que os discentes se exercitem e se arrisquem de maneira direcionada, sem subestimar a sua capacidade de solucionar os problemas propostos.

O desenvolvimento das crianças espelha-se na evolução da oralidade e no aprendizado assessorado pela acessibilidade digital a jogos, por exemplo. A oralidade foi trabalhada por meio da contação de histórias, que induz a correspondência fonema-letra e conduz a manutenção da memória auditiva, que deve ser aprimorada gradativamente, assim como indica Sás (2009), devido à hipotonia fonoarticulatória presente em pessoas com T21. O espaço escolar, caracterizado como confortável e

convindicativo, também desempenha papel importante para que o processo educativo seja primoroso e bem-sucedido.

Por fim, a memorização foi viabilizada mediante a aplicação de jogos de memória nas oficinas que, bem como pontuado pela coordenadora de projetos, consistiram na repetição, igualmente, de outras atividades interativas, o que possibilitou a fixação do conteúdo ministrado, socialização e inclusão.

Assim, pode-se comprovar os inúmeros benefícios e habilidades alcançadas pelos usuários por meio das oficinas de aprendizagem ofertadas na Associação Vitória Down, tais como estimulação da cognição, desenvolvimento, autonomia, socialização, interação, inclusão, e muitas outras habilidades já citas anteriormente.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pedagogia das diferenças na sala de aula**. Campinas: Papyrus, 2006.
- COELHO, Charlotte. **A síndrome de Down**. Macedo de Cavaleiros, Portugal. 2016.
- FEISTAUER, Cláudia Madalena. **O letramento na Síndrome de Down: o papel da família e da escola**. Porto Alegre (RS), 2014.
- FONSECA, Adriana Cristina Albergaria. **Alfabetização e letramento: habilidades de leitura e escrita adquiridas e desenvolvidas por pessoas com síndrome de Down**. Belo Horizonte, 11 de jun. de 2021.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- MARQUES, Aline Nathalia. **Escolarização de aluno com Síndrome de Down na escola: um estudo de caso**. São Carlos, Abr. de 2016.
- MOURA, Gabriela Molina. **Alfabetização de alunos com síndrome de Down: um estudo de produções acadêmicas brasileiras**. Araraquara, 2021.
- OLIVEIRA, Thais Nascimento. **Avaliação da utilização de mídias digitais como mediadores pedagógicos no processo de alfabetização de pessoas com Síndrome de Down**. Goiânia, 2016.
- PASCOALI, Rosa Maria. **O computador na educação de portadores com síndrome de Down, como reforço no processo de ensino aprendizagem**. Florianópolis, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **O Império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. 1 ed. 2 reimp. – Belo Horizonte, Autentica 2021.
- SANTOS, Edluci Mathias. **Inclusão dos alunos com deficiência física no Ifes Campus Vitória: um entrelaçamento possível entre acessibilidade e educação ambiental**. Vitória, 2021.
- SILVA, Maria Karolina de Macêdo. **A criança e a escrita com síndrome de Down: uma relação possível na escola regular**. Natal, 2010.
- VARES, Sidnei Ferreira de. **A educação como fato social: uma análise sobre o pensamento pedagógico de Durkheim**. Revista Educação, 2011.

VIEIRA, Camila de Velasco e. **Caminhos, dificuldades e acertos da escola regular na inclusão de pessoas com Síndrome de Down: relato de pais.** Goiânia, 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo, 1991.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PLANO DE AÇÃO

Este plano foi pensado para despertar a criança mágica que existi em cada um de nós por meio da leitura, da cotação de história, sendo possível uma interação eficaz entre todas crianças. As atividades foram planejadas e realizadas na Associação Vitória Down, localizada em Vitória – ES, com crianças de 6 a 12 anos, em três momentos:

O espaço utilizado na Associação Vitória Down foi o auditório tendo em vista seu espaço amplo e equipado com espelho, tapetes emborrachados entre outras ferramentas que foram uteis para o desenvolvimento da atividade.

As visitas, assim como, a ministração da contação de história foram programas com a pedagoga E.F, com a permissão da presidente da Associação Vitória Down, e supervisão da coordenadora C.B.

Primeiro momento

As crianças devem ser convidadas a sentarem em círculo, o professor contará a história, de Lilian Menenguci, A Criança Mágica:

Fechou os olhos. Olhou para dentro.

Decidiu brincar com o que ia e vinha no seu pensamento.

- Hum, são muitas coisas!

Tentou escolher.

Mas, o pensamento pensa!

Nada pode o deter.

Um ir e vir criativo, e, sempre, cheio de estilo.

O pensamento tem vida própria não é só isto ou só aquilo.

Então, voou nas nuvens altas uma imensa plantação de algodão.

Sempre alto e mais alto sem tirar os pés do chão.

Nelas, modelava bichos. Esculpia objetos e coisas.

Imprimia curiosas fotos, de paisagens e de pessoas.

Tudo era fantástico, não podia negar.

Brincava até de ser vento, respirando, puxando e soltando o ar.

Testava a gravidade pulando no pula pula.
Achou que fosse astronauta pisando na grande lua.
Brincou de pique-esconde dentro do guarda-roupas.
Depois andou a cavalo com os cabos de vassouras.
Dirigiu carros, ônibus e caminhões com volantes feitos das tampas de panelas.
Até deu show musical tirando sons de todas elas.
Transformou poças d'água em rios, mares e oceanos geniais.
Atravessou com todos eles, com seus barcos e navios de jornais.
Também fez chover, molhando as mãos e sacudindo. Só para ver os pingos, gotas que no chão iam caindo.
Com a luz da lanterna desenhou o sol, do nascer ao se por.
Trouxe salpicadas estrelas sobre a gruta feita com o cobertor.
Olhava dentro do espelho e uma pessoa também olhava. Tinha a sensação de conhecê-la mas ninguém dizia nada.
Brincou de escolher a atividade artista ou docente?
Quem sabe ser do campo e também ser presidente?
Lambuzava-se com os batons. Fazia uma grande meleca!
Experimentava brincos, colares, chapéus, gravatas e cuecas.
Arramou as bonecas e bonecos. E, dizia: - Não saiam daí, senão vocês caem.
Estava mesmo era imitando a mamãe e o papai.
Jogou talco nos cabelos, penteou para desembaraçar os nós. E quando se percebeu parecia com seus avós.
Então, devagar, abriu os olhos notou que tudo era uma imensa página de uma história escrita e vivida pela sua criança mágica.
Assim, logo pode entender que a criança mágica, mora em mim e em você.
Após a história, perguntar as crianças quem é o mágico, e direciona-los a entender de maneira criativa que a criança mágica mora em cada um nós.
Falar sobre as brincadeiras e brinquedos que podem ser confeccionados por eles mesmo como barquinhos de papel, desenvolvendo suas habilidades de autonomia e criatividade, ademais, deixá-los contar do que costumam brincar em suas casas com seus amigos e familiares para assim socializarem trocando suas experiências.

Segundo momento

Neste, segundo momento foi realizada uma atividade lúdica direcionada com as crianças com síndrome de Down com nível intelectual aproximados, pois é sabido que o processo de aprendizagem acontece e tempos diferentes para qualquer criança, e para as crianças com síndrome de Down essa questão é ainda mais potencializada, por isso é de suma importância respeitar e observar com muita sensibilidade o tempo de desenvolvimento de criança para auxiliar da maneira mais eficaz possível nesse processo.

Para essa atividade pode ser confeccionado um jogo de memória com imagens que façam referência a história contada no primeiro momento. Além, disso podem ser confeccionados barquinhos de papel com as crianças e em seguida colocar os barquinhos em uma bacia com água realizando uma grande navegação.

Jogo de memória



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Terceiro momento

Neste momento foi realizado um diálogo com todos as crianças mágicas, alunos e professora, que participarem das atividades ao longo do plano com objetivo de promover a interação e socialização. Para isso conduza cada participante a

encontrar sua criança mágica, e a partir disso explorar habilidades, não deixe ninguém de fora.

Esta atividade tem como finalidade praticar a inclusão de maneira eficaz e traz ótimos resultados quando realizada de maneira lúdica e prazerosa, portanto faça desse momento o mais atrativo possível se caracterizar com cartola e capa de mágico chama bastante a atenção das crianças.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

APÊNDICE B – ENTREVISTA



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Essa entrevista tem como objetivo conhecer mais a respeito das oficinas desenvolvidas na Associação Vitória Down sobre a perspectiva dos colaboradores.

Agradeço sua participação.

- 1- Que atividade desempenha na instituição?
- 2- Na sua opinião, quanto tempo é necessário para ver resultados cognitivos por meio das oficinas?
- 3- A participação nas oficinas é determinada pela idade dos usuários?
- 4- O que considera importante como tema de oficinas de aprendizagem?
- 5- Em qual oficina de aprendizagem e estímulo à cognição você trabalha?
- 6- O que considera relevante nesse processo na vida de um estudante com síndrome de Down?
- 7- Qual sua formação?
- 8- Qual sua idade e tempo de profissão?
- 9- Quanto tempo trabalha na Vitória Down?
- 10- Qual recomendação daria para o trabalho educativo nas escolas? Ou em parceria com as escolas?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Esse questionário tem como objetivo conhecer um pouco mais a respeito da realidade das crianças com síndrome de Down e de seus familiares durante o período de aprendizagem e alfabetização, ademais. Saber qual o papel das oficinas desenvolvidas na Associação Vitória Down desempenha nesse momento sobre a perspectiva dos familiares.

Agradeço sua participação.

1- *Qual a idade de seu filho (a)?*

2- *A quanto tempo seu filho(a) frequenta as oficinas da Associação Vitória Down?*

3- *De quais oficinas seu filho(a) participa?*

4- De acordo com sua experiência, em que aspecto as oficinas na Associação Vitória Down mais contribuem para o desenvolvimento da criança com síndrome de Down?

- Cognição
- Autonomia
- Socialização
- Coordenação motora
- Todas as opções

5- Considerando os desafios da alfabetização de crianças com síndrome de Down, você considera que as oficinas tem um papel facilitador nesse processo?

- Sim
- Não

6- Qual a maior dificuldade enfrentada pelo seu filho (a) durante o processo de alfabetização?

7- Para você o trabalho da equipe multidisciplinar da Associação Vitória Down é importante para que a criança com síndrome de Down tenha mais chances de se tornar um adulto alfabetizado?

8- Quando o ambiente é favorável o aprendizado acontece de maneira mais prazerosa, você concorda que a oficina Aprender Brincando tornar o ambiente favorável?

- Não

- Mais ou menos

- Sim, pois por meio da oficina Aprender Brincando, são desenvolvidas muitas habilidades físicas, sociais, cognitivas e emocionais.

9- Você considera como essencial que o processo de aprendizado da criança com síndrome de Down seja de maneira lúdica?

10- Como você descreveria a importância das oficinas para o desenvolvimento de filho (a)?

11- Você consegue vê no dia a dia de seu filho (a) o que de maneira prazerosa ele aprende nas oficinas?

12- Podemos dizer que as oficinas realizadas na Associação Vitória Down são ferramentas inclusivas?

13- Qual a maior conquista de seu filho (a) alcançada com a participação nas oficinas?

APÊNDICE D - PRODUTO EDUCACIONAL

**OFICINAS DE APRENDIZAGENS E ESTÍMULO A COGNIÇÃO DE CRIANÇAS
COM SÍNDROME DE DOWN NA ASSOCIAÇÃO VITÓRIA DOWN**

**SÃO MATEUS
2022**

Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Boaventura de Souza Santos

AS AUTORAS:



Camila Freire de Souza Amaral

Graduada Pedagogia pela Faculdade Doctum de Serra / ES, e pós graduada, em Educação Especial e inclusiva, e, em Séries Iniciais com Ênfase em Alfabetização, ambas pela Faculdade Fabra, também localizada na cidade de Serra / ES. Mestranda em ciência, tecnologia e educação pelo Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC).



Márcia Moreira de Araújo

Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Políticas Sociais (PPGPS) da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)-RJ. Professora e Orientadora do mestrado acadêmico PPGEDUC- UFES, ALEGRE-ES.

Orientadora de pesquisas em nível de mestrado do Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Universidade Vale do Cricaré- São Mateus - ES. Possui graduação em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário São Camilo-ES (2002) e Pedagogia pela UNIG-RJ. Mestrado em Educação pelo PPGE - Universidade Federal do Espírito Santo (2010) e doutorado em Educação PPGE- Universidade Federal do Espírito Santo (2016).

Educadora efetiva da rede municipal de educação de Piúma (desde 1991) e Professora /bióloga da rede estadual de educação - SEDU-ES. Temas de interesse: Educação ambiental - ensino de biologia - diversidade cultural – interseccionalidade - investigação científica - práticas educativas - inclusão, protagonismo do estudante e mediação do educador - Novas tecnologias na educação.

APRESENTAÇÃO

Este guia didático foi desenvolvido por meio de pesquisa realizada na Associação Vitória Down com especialista e familiares de crianças com síndrome de Down. Espera-se que este material possa auxiliar familiares e profissionais da área de educação especial no desenvolvimento da alfabetização de crianças com síndrome de Down de maneira lúdica.

É fundamental que os profissionais da educação, seja ela formal, informal ou não formal, que atuam em espaços escolares, tanto quanto os familiares das crianças, compreendam que por meio da alfabetização muitas habilidades – afetivas, cognitivas, linguísticas, motoras e sociais, entre outras – são desenvolvidas de maneira significativa e prazerosa.

Assim, o guia didático irá explorar o lúdico por meio de oficinas de teatro, pinturas, contação de histórias, atividades físicas diversas, entre outras metodologias que são indispensáveis para a alfabetização e desenvolvimento de crianças com síndrome de Down.

E que não se esqueça que todas as atividades devem ser realizadas sempre de maneira prazerosa, pois isso permite a criança desenvolver vínculo com o meio.

Camila Freire de Souza Amaral
Márcia Moreira de Araújo

EXERCÍCIOS DE SER CRIANÇA

No aeroporto o menino perguntou:

-E se o avião tropicar num passarinho?

O pai ficou torto e não respondeu.

O menino perguntou de novo:

-E se o avião tropicar num passarinho triste?

A mãe teve ternuras e pensou:

Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia?

Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia do que o bom senso?

Ao sair do sufoco o pai refletiu:

Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.

E ficou sendo.

Manoel de Barros

SOBRE O GUIA DIDÁTICO

O processo de alfabetização contribui para o desenvolvimento de qualquer criança, inclusive da criança com Trissomia do Cromossomo 21 (T21), mais conhecida como Síndrome de Down. Portanto, é fundamental lançar mão de ferramentas atrativas por meio do lúdico, uma vez que é sabido que é necessário mais estímulo para explorar o grande potencial que as crianças com síndrome de Down possuem.

Crianças com síndrome de Down possuem características tais como o déficit cognitivo (propicia dificuldade de concentração e atenção por parte do indivíduo), deturpação da mensagem verbal captada e dificuldade em decodificá-la e compreendê-la, em vista da alteração do formato dos ossículos presentes no ouvido, além da dificuldade de comunicação oral e aptidão interativo-social, limitações que podem ser trabalhadas desde a mais tenra idade de crianças com SD, induzindo o seu desenvolvimento.

As atividades propostas neste Guia têm como principal objetivo promover a inclusão e a garantia dos direitos fundamentais a pessoas com T21 e suas famílias.

Tempo de dedicação é fundamental para esse processo, ademais, você irá precisar deixar o lúdico exercer seu papel de maneira direcionada, e sempre prazerosa. Ter acesso a informações é de extrema importância para o profissional de qualquer área, e se tratando da área da educação especial não é diferente. Portanto, se informar e planejar faz total diferença na prática de sala de aula.

Desse modo, nosso Guia Didático tem algumas sugestões não só para os profissionais da área da educação especial, mas também para os familiares de crianças com síndrome de Down para auxiliar no processo de alfabetização, e inclusão dessas crianças.

1 – Trabalhe as habilidades tais como: atenção, memória, raciocínio lógico, linguagem, controle inibitório.

Para a criança com síndrome de Down é mais fácil aprender com atividades práticas, e os jogos pedagógicos e brincadeiras direcionadas são ferramentas indispensáveis para isso. Assim, o jogo de memória é uma ótima opção para se trabalhar com as crianças uma vez que, além de educativa, é extremamente prazerosa. Ademais, pode ser realizada em casa reforçando os laços com a família, e na escola é mais uma forma de socialização, além de todas as demais habilidades exploradas.

2 – Explore a psicomotricidade por meio dos jogos pedagógicos e da dança.

Os jogos estimulam nas crianças a atenção, concentração, memorização, e habilidades de coordenação motora, que são importantíssimos para um bom desenvolvimento da criança na escola tradicional, ademais, por meio do lúdico as crianças se socializam e aprendem regrinhas como aguardar a vez de cada um.

Por meio da dança é possível trabalhar a noção de espaço, e de lateralidade, além de ser um exercício que melhora a flexibilidade e a consciência corporal.

3 – Faça uso da leitura

A leitura é uma das maneiras de se trabalhar a linguagem da criança com SD. A linguagem pode ser alcançada de várias maneiras não apenas por meio da oralidade, assim a comunicação também pode ser realizada por meio de gestos e com uso de imagens, por exemplo.

Ademais, as histórias são uma grande aliada na prática da socialização, assim por meio da contação de histórias é possível aproximar todas as crianças de maneira inclusiva.

4 – Trace estratégias de incentivo a responsabilidade, rotinas, e inclusão

Torna a sala de aula um ambiente inclusivo permitindo que todos os alunos se sintam parte pertencente daquele meio é de suma importância para alcançar o desenvolvimento desejado, para isso é necessário que seja estabelecido rotinas e

explorado as responsabilidades que cada um pode ter como por exemplo guardar sua lancheira após o término do horário de lanche, um gesto simples para muitos, mas que pode fazer com que uma criança com SD de sinte tão capaz quanto as demais a sua volta.

5 – Planejamento e sua importância

Um bom planejamento é indispensável para o sucesso de qualquer prática pedagógica, e quando se trata de crianças com síndrome de Down é sabido que esse planejamento deve ser pensado de maneira mais específica, portanto reduzir as barreiras de aprendizagem, respeitando as habilidades de cada criança.

6 – Certifique-se de que os estudantes entendam e pratiquem a inclusão

Ações informativas com foco na inclusão abordando questões como respeito e empatia permitem as crianças aprenderem desde cedo a respeitar as diversidades acolhendo a todos independente de suas diferenças.

ATIVIDADES

1 – Aprender brincando

Para esta atividade é indispensável criar um ambiente estimulante com direcionamento profissional e brinquedos explorando o brincar e seus benefícios.

Assim, para esta atividade, são necessários colheres descartáveis, tampinhas (podem ser de garrafa pet) e recipientes de preferência coloridos.

Devem ser colocados 3 recipientes de cores diferentes na frente da criança, e explicar que eles devem colocar uma tampinha na colher e levar até o recipiente (escolhido pela cor) gostaria de colocá-la. A criança deve levar a tampinha até o local desejado usando apenas uma das mãos e ao final as crianças devem contar quantas tampinhas conseguiram levar até os recipiente.

Figura 1



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

2 – Letras e sons

Primeiro o professor ira explicar aos estudantes que serão mostradas algumas letras e na sequencia devem reproduzir os sons das mesmas.

A turma deve ser orientada a sentar-se em círculo de maneira que todos consigam vê a professora e a letra que estará sendo mostrada. É recomendado ainda, que as letras sejam impressas de preferência coloridas e em tamanho grande para atrair a atenção das crianças.

Depois de trabalhadas algumas letras pergunte ao alunos se eles reconhecem as iniciais de seus nomes.

Figura 2



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

3 – Um, dois, três e já

Nesta atividade são trabalhados, os números, as cores e principalmente a concentração, para isso serão necessários bambolês e bolinhas coloridas.

Primeiro o professor deve convidar as crianças a se sentarem no chão de 2 em 2 com um bambolê entre elas contendo determinada número de bolinhas (são sugeridas em média umas 4) converse com as crianças tornando o momento

prazeroso e atrativo. Explique as crianças que elas deveram tampar os olhinhos e só deverão ser abertos com o comando da professora que iria orientar que bolinha (qual cor) ela permiti ser tirada do centro do bambolê.

Ao fim da dinâmica as crianças deverão contar quantas e quais cores de bolinhas conseguiram resgatar primeiro.

Figura 3



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

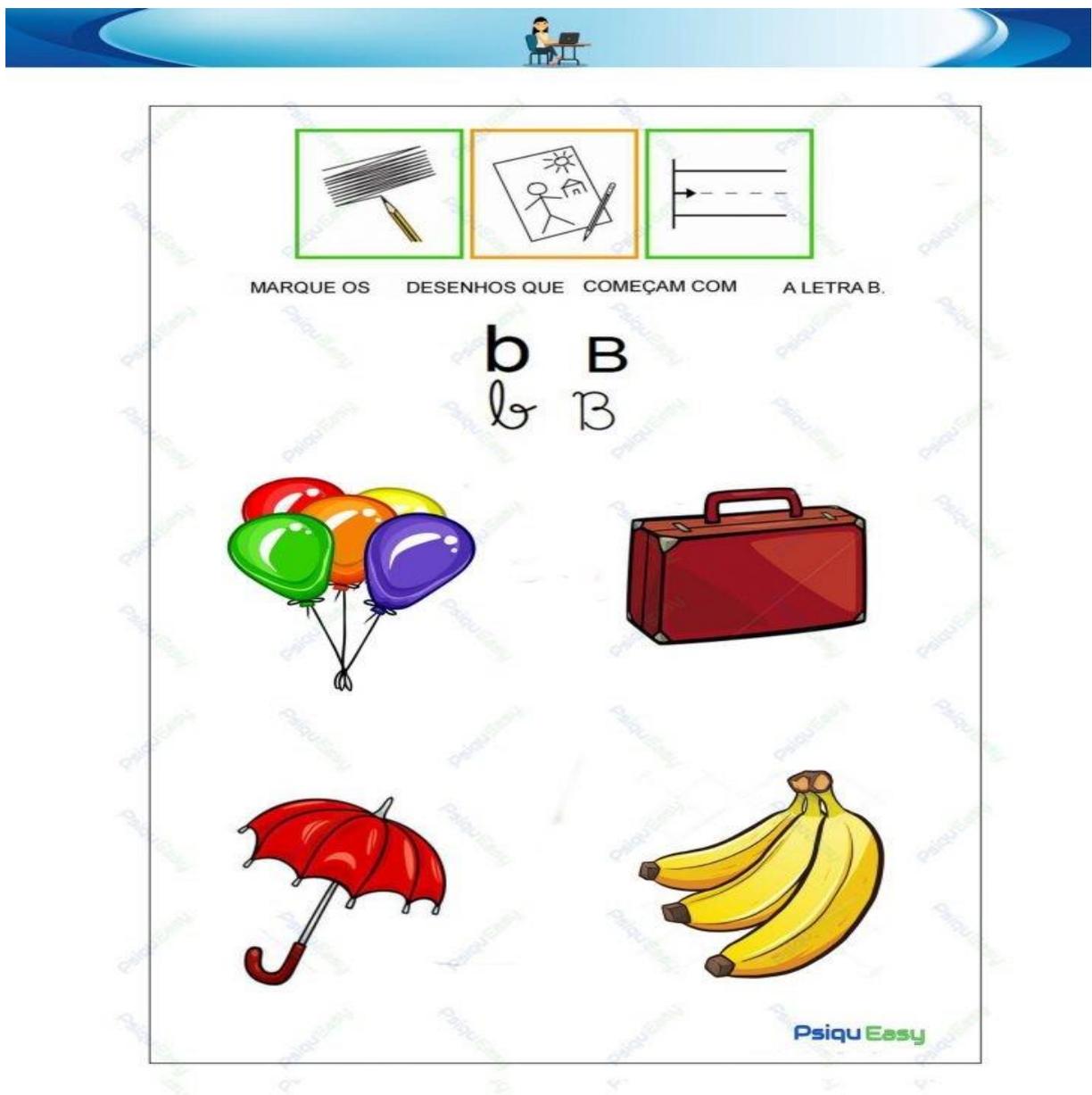
4 – O que escrevo com a letra B

Primeiramente o professor deve começar apresentando algumas imagens, sempre coloridas para atrair e prender a atenção das crianças. Trabalhe figuras que comecem ou não com letra B inclusive as figuras que compõem a atividade proposta certifique-se que todas as crianças identificaram quais são as imagens apresentadas, por isso a importância de um material com figuras grandes e coloridas.

Ao fim da atividade a criança pode de ser presenteada com um balão colorido com objetivo de tornar esse momento ainda mais prazeroso. Pergunte as crianças o nome do objeto que receberam e com que letra se escreve, assim, as crianças irão interagir com material de material mais eficaz.

Seguindo essas sugestões o mesmo pode ser feito com as demais letras do alfabeto, busque sempre encerrar a atividade com um objeto, ou uma fruta referente a letra trabalhada.

Figura 4



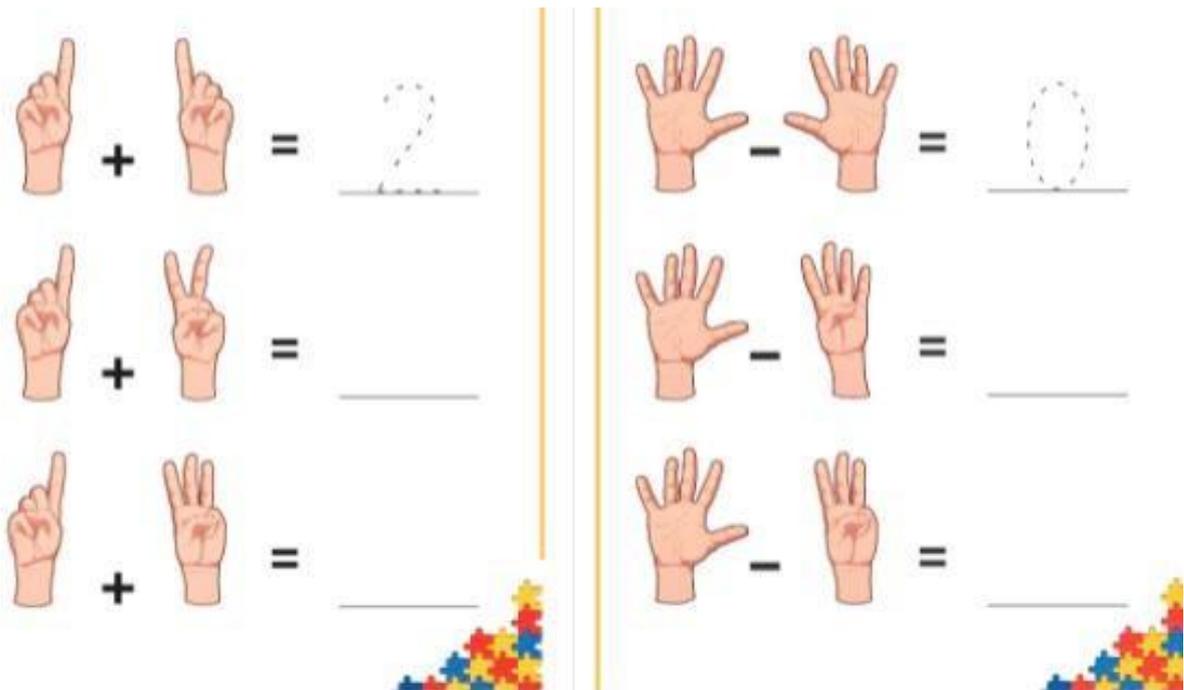
5 – Somar e subtrair

Em um momento de descontração direcionado comece perguntando as crianças se elas sabem quantos dedos tem em cada mão, depois qual o total de dedos possuem nas duas mãos.

Esta atividade deve ser realizada de maneira bem atrativa tendo em vista que além da aprendizagem matemática a criança também está conhecendo seu corpo.

Depois desse momento de introdução aplique a atividade. Atividade com figuras como no exemplo sugerido facilitam o aprendizado da criança com síndrome de Down. Busque sempre tirar as possíveis dúvidas de maneira lúdica e prazerosa lembrando que cada criança tem o seu próprio tempo de aprendizagem.

Figura 5



Fonte: A de Abelha (blog)

SUGESTÕES DE SITES PARA O TRABALHO EM SALA DE AULA
(Atividades lúdicas, planejamento e aulas prontas)

<https://blog.estantemagica.com.br/incluir-alunos-com-sindrome-de-down/>

<https://blog.playkids.com/como-ensinar-inclusao-social-para-criancas/>

<https://blog.psiqueeasy.com.br/2020/02/03/como-selecionar-atividades-para-sindrome-de-down/>

<https://adeabelha.com.br/blog/>

Referências

ADEABELHA.COM.BR/**Blog**

BLOG.ESTANTEMAGICA.COM.BR/**Incluir-Alunos-Com-Síndrome-De-Down**

BLOG.PLAYKIDS.COM/**Como-Ensinar-Inclusão-Social-Para-Crianças**

OLIVEIRA, Daliane. BLOG.PSIQUEASY.COM.BR/2020/02/03/**Como-Selecionar-Atividades-Para-Síndrome-De-Down**

MENENGUCI, Lilian. **A Criança Mágica**. Ed. Pequena Causa, 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003: 56).

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Ed. Salamandra, 1999.

ANEXOS

ANEXO A – DECLARAÇÃO



**PROGRAMA DE MESTRADO EM:
Ciência, Tecnologia e Educação**

À direção da Associação de Pais, Amigos e Pessoas com síndrome de Down do Espírito Santo:

Prezados (as), sou Márcia Moreira de Araújo, Prof.^a Dra (PHD) professora permanente da UNIVC - Centro Universitário Vale do Cricaré, e venho declarar para os devidos fins que Camila Freire de Souza Amaral (matrícula 421100021) é aluna finalista do programa de pós graduação em Ciências, Tecnologia e Educação, stricto sensu, mestrado, e está produzindo o projeto de pesquisa sob minha orientação.

O projeto de pesquisa em andamento é intitulado “Oficinas de aprendizagem e estímulo a cognição de estudantes com síndrome de Down da Vitória Down” e o objetivo é elaborar um guia didático trazendo o lúdico como ferramenta para a alfabetização e desenvolvimento de oficinas lúdicas para crianças com síndrome de Down. Para tanto, serão necessárias interlocuções com profissionais, pais e crianças com síndrome de Down e a observação das atividades realizadas nas oficinas da instituição.

De acordo com o atual calendário acadêmico da UNIVC, o projeto deverá ser finalizado até novembro de 2022.

Estou à disposição para outros esclarecimentos que se fizerem necessários.

Vitória, 28 de julho de 2022

A handwritten signature in cursive script, reading 'Márcia Moreira de Araújo'.

Prof.^a Dra. Márcia Moreira de Araújo.

Marbio2@hotmail.com

(28) 99946-0044

ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

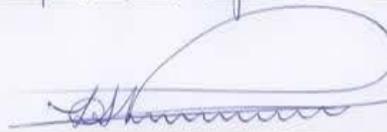
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, Lisley Sophia Nunes Dias, ocupante do cargo de presidente na Associação Vitória Down, autorizo a realização nesta instituição, a pesquisa "Oficinas de aprendizagens e estímulo a cognição de crianças com síndrome de Down na Associação Vitória Down", sob a responsabilidade da pesquisadora Camila Freire de Souza Amaral, tendo como objetivo primário (geral) analisar de que forma oficinas de aprendizagem estimulam a cognição, desenvolvimento e autonomia de crianças com síndrome de Down.

Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

Vitória/ES, 23 de agosto de 2022.



Lisley Sophia Nunes Dias
Presidente da Associação Vitóriadown

Lisley Sophia Nunes Dias

Presidente da Associação de pais, amigos e pessoas com síndrome de Down
do Espírito Santo

71 3314-1174
+55 27 99223-6810

CONTATO@VITORIADOWN.COM.BR

RUA NAHUM PRADO, 50 - BAIRRO REPÚBLICA | VITÓRIA-ES

ASSOCIAÇÃO DE PAIS, AMIGOS
E PESSOAS COM SÍNDROME
DE DOWN DO ESPÍRITO SANTO



WWW.VITORIADOWN.COM.BR

ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado(a) "Oficinas de aprendizagens e estímulo a cognição de crianças com síndrome de Down na Associação Vitória Down", conduzida por Camila Freire de Souza Amaral e a professora orientadora Dra. Márcia Moreira de Araújo. Este estudo tem por objetivo, analisar de que forma oficinas de aprendizagem estimulam a cognição, desenvolvimento e autonomia de crianças com Síndrome Down; Identificar aspectos lúdicos das oficinas de aprendizagens que podem ser utilizados como ferramenta para alfabetização e desenvolvimento de crianças com síndrome de Down; Descrever a trajetória da aprendizagem dos estudantes com síndrome de Down e as possibilidades para uma história positiva na alfabetização dessas crianças e; identificar, com os sujeitos da pesquisa, qual a percepção sobre a alfabetização de crianças com síndrome de Down e seus desafios.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma pesquisa por meio de entrevista contendo 10 perguntas que se realizara nos intervalos entre uma oficina e outra, onde serão discutidos assuntos relacionados a sua experiência nas oficinas ofertadas na Associação Vitória Down localizada em Vitória-ES. Ademais, serão realizadas visitas a Associação Vitória Down durante aproximadamente um mês, totalizando a participação em 10 oficinas em média, para observarmos na prática a realização das oficinas e os ganhos de seus participantes, outrossim, será realizada uma intervenção por meio de contação de história para as crianças de 6 a 12 anos na intenção de direcionar as crianças a liberarem sua imaginação por meio da leitura, e o final será proposto uma atividade de jogo de memória para explorarmos a atenção e memorização dos usuários. Nesse período de intervenções será marcado por registro fotográficos.

Você foi selecionado(a) por ser colaborador na condição de pedagoga, psicóloga, assistente social, musico terapeuta, educador social ou coordenadora de projeto na Associação Vitória Down, onde irei realizar minha pesquisa. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Os riscos em participar da pesquisa são: a possibilidade de invasão de privacidade; interferência na rotina, uma vez que se fará necessário dispor de um

tempo para responder a entrevista; exposição quando houver registro de imagens, etc. No entanto, pode-se afirmar que os riscos são irrelevantes, pois não haverá exposição. Que fique claro que seu nome será mantido em sigilo absoluto, e que não haverá fotos de perfil dos participantes, desse modo serão realizados registros de imagem somente das oficinas, no que diz respeito ao tempo ofertado para responder a entrevista para minimizar os impactos a rotina as questões serão claras e diretas para uma fácil interpretação requerendo o menor tempo possível respondê-las.

Se tratando dos benefícios referente a sua participação na pesquisa, acredita-se que esta, terá o papel de enaltecer a inclusão por meio da alfabetização, e contribuir para se fazer entender que esse é um direito e não um favor a ser atendido. Assim, pode-se afirmar que a relevância desta pesquisa reside no despertar para importância da inclusão e autonomia de pessoas com síndrome de Down por meio da alfabetização.

Ressaltamos que a participação na pesquisa não será remunerada e nem implicará em gastos, assim como haverá indenização em caso de algum tipo de dano ao participante.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. A pesquisadora responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Este termo possui duas vias de igual teor onde uma ficará com o pesquisando e outra com o pesquisador.

Nome Completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento ___/___/___ Telefone: _____
Endereço: _____
CEP _____ Cidade: _____ Estado: _____
Assinatura: _____ Data ___/___/___

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura do pesquisador: _____ Data: ___/___/___

(Ou seu representante)

Nome Completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com _____, via e-mail: _____ ou telefone: _____.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FVC
SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29933-415
FONE: (27) 3313-0028 / E-MAIL: cep@ivc.br

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: CAMILA FREIRE DE SOUZA AMARAL
ENDEREÇO: RUA DOS SÁBIAS, 182, MORADA DE LARANJEIRAS, SERRA/ES.
FONE: (27) 99765-9832

SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29.933-415
FONE: (27) 3313-0000 / E-MAIL: SECRETARIA.MESTRADO@IVC.BR

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado(a) "Oficinas de aprendizagens e estímulo a cognição de crianças com síndrome de Down na Associação Vitória Down", conduzida por Camila Freire de Souza Amaral e a professora orientadora Dra. Márcia Moreira de Araújo.

Este estudo tem por objetivo, analisar de que forma oficinas de aprendizagem estimulam a cognição, desenvolvimento e autonomia de crianças com Síndrome Down; Identificar aspectos lúdicos das oficinas de aprendizagens que podem ser utilizados como ferramenta para alfabetização e desenvolvimento de crianças com síndrome de Down; Descrever a trajetória da aprendizagem dos estudantes com síndrome de Down e as possibilidades para uma história positiva na alfabetização dessas crianças e; identificar, com os sujeitos da pesquisa, qual a percepção sobre a alfabetização de crianças com síndrome de Down e seus desafios.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário que será disponibilizado via google forms contendo 13 perguntas, onde serão discutidos assuntos relacionados a sua experiência com a participação de seu filho(a) nas oficinas ofertadas na Associação Vitória Down localizada em Vitória-ES.

Ademais, serão realizadas visitas a Associação Vitória Down durante aproximadamente um mês, totalizando a participação em ao menos 10 oficinas, para observarmos na prática a realização das oficinas e os ganhos de seus participantes, ademais, outrossim, será realizada uma intervenção por meio de contação de história para as crianças de 6 a 12 anos na intenção de direcionar as crianças liberarem sua imaginação por meio da leitura e o final será proposto uma atividade de jogo de memória para explorarmos a atenção e memorização dos usuários. Nesse período de intervenções será marcado por registro fotográficos.

Você foi selecionado(a) por ser pai, mãe, ou responsável de um usuário da Associação Vitória Down, onde irei realizar minha pesquisa. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Os riscos em participar da pesquisa são: a possibilidade de invasão de privacidade; interferência na rotina, uma vez que se fará necessário dispor de um tempo para responder ao questionário; exposição quando houver registro de imagens,

etc. No entanto, pode-se afirmar que os riscos são irrelevantes, pois não haverá exposição. Que fique claro que seu nome será mantido em sigilo absoluto, e que não haverá fotos de perfil dos participantes, desse modo serão realizados registros de imagem somente das oficinas, no que diz respeito ao tempo ofertado para responder ao questionário para minimizar os impactos a rotina as questões serão claras e diretas para uma fácil interpretação requerendo o menor tempo possível respondê-las.

Se tratando dos benefícios referente a sua participação na pesquisa, acredita-se que esta, terá o papel de enaltecer a inclusão por meio da alfabetização, e contribuir para se fazer entender que esse é um direito e não um favor a ser atendido. Assim, pode-se afirmar que a relevância desta pesquisa reside no despertar para importância da inclusão e autonomia de pessoas com síndrome de Down por meio da alfabetização.

Ressaltamos que a participação na pesquisa não será remunerada e nem implicará em gastos, assim como haverá indenização em caso de algum tipo de dano ao participante.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. A pesquisadora responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Este termo possui duas vias de igual teor onde uma ficará com o pesquisando e outra com o pesquisador.

Nome completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Telefone: _____ Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: __/__/__

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: _____ Data: __/__/__

(Ou seu representante)

Nome Completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com _____, via

e-mail: _____ ou telefone: _____

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FVC

SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29933-415

FONE: (27) 3313-0028 / E-MAIL: cep@ivc.br

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: CAMILA FREIRE DE SOUZA AMARAL

ENDEREÇO: RUA DOS SÁBIAS, 182, MORADA DE LARANJEIRAS, SERRA/ES.

FONE: (27) 99765-9832

SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29.933-415

FONE: (27) 3313-0000 / E-MAIL: SECRETARIA.MESTRADO@IVC.BR

ANEXO E - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "Oficinas de aprendizagens e estímulo a cognição de crianças com síndrome de Down na Associação Vitória Down", que tem como objetivos primário: Analisar de que forma oficinas de aprendizagem estimulam a cognição, desenvolvimento e autonomia de crianças com Síndrome Down; E secundários: Identificar aspectos lúdicos das oficinas de aprendizagens que podem ser utilizados como ferramenta para alfabetização e desenvolvimento de crianças com síndrome de Down; Descrever a trajetória da aprendizagem dos estudantes com síndrome de Down e as possibilidades para uma história positiva na alfabetização dessas crianças; Identificar, com os sujeitos da pesquisa, qual a percepção sobre a alfabetização de crianças com síndrome de Down e seus desafios.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é a necessidade de abordarmos a importância da alfabetização, sendo esse um direito adquirido, por isso a pesquisa vai em busca de provas por meio de discussões e atividades práticas acerca dos benefícios da alfabetização de crianças com Síndrome Down.

No ano de 2018, tive a oportunidade de participar de uma oficina como contadora de história na Associação Vitória Down, onde por meio dessa prática pude perceber que diversos sentidos foram explorados nas crianças, como aspecto cognitivo, explorando desenvolvimento do raciocínio, pensamento, memória, abstração, imaginação, socialização, e autonomia. Por isso, tratar a temática, "Oficinas de aprendizagens e estímulo a cognição de crianças com síndrome de Down na Associação Vitória Down", buscando explorar a importância do lúdico no processo de alfabetização de crianças com síndrome de Down é algo de grande relevância.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Consistirá em responder a um questionário que será disponibilizado via google forms contendo 13 perguntas, onde serão discutidos assuntos relacionados a sua experiência em participar das oficinas ofertadas na Associação Vitória Down, localizada em Vitória-ES. Ademais, serão realizadas visitas a Associação Vitória Down durante aproximadamente um mês, totalizando a participação 10 oficinas em média, para observarmos na prática a realização das oficinas e os ganhos de seus participantes, ademais, será realizada uma intervenção por meio de contação de história para as crianças de 6 a 12 anos na intenção de direcionar as crianças liberarem sua

imaginação por meio da leitura, e o final será proposto uma atividade de jogo de memória para explorarmos a atenção e memorização dos usuários. Nesse período de intervenções será marcado por registro fotográficos.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE). Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Este estudo apresenta os seguintes riscos e benefícios para você: Os riscos em participar da pesquisa são: a possibilidade de invasão de privacidade; interferência na rotina, uma vez que se fará necessário dispor de um tempo para responder ao questionário; exposição quando houver registro de imagens, etc. No entanto, pode-se afirmar que os riscos são irrelevantes, pois não haverá exposição. Que fique claro que seu nome será mantido em sigilo absoluto, e que não haverá fotos de perfil dos participantes, desse modo serão realizados registros de imagem somente das oficinas, no que diz respeito ao tempo ofertado para responder ao questionário para minimizar os impactos a rotina as questões serão claras e diretas para uma fácil interpretação requerendo o menor tempo possível respondê-las.

Se tratando dos benefícios referente a sua participação na pesquisa, acredita-se que esta, terá o papel de enaltecer a inclusão por meio da alfabetização, e contribuir para se fazer entender que esse é um direito e não um favor a ser atendido. Assim, pode-se afirmar que a relevância desta pesquisa reside no despertar para importância da inclusão e autonomia de pessoas com síndrome de Down por meio da alfabetização.

Você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Vale ressaltar a garantia de publicação da pesquisa, e que fique claro que todos os dados a serem divulgados serão de acordo com a autorização da instituição para não haver nenhum tipo de problema, uma vez que não possui condições financeiras para indenização em termos monetários.

Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos, queimados e deletados sem nenhuma chance de recuperação. Este Termo de Assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se possuir documento), fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e minhas dúvidas foram esclarecidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Este termo possui duas vias de igual teor onde uma ficará com o pesquisando e outra com o pesquisador.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FVC
SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29933-415
FONE: (27) 3313-0028 / E-MAIL: cep@ivc.br

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: CAMILA FREIRE DE SOUZA AMARAL
ENDEREÇO: RUA DOS SÁBIAS, 182, MORADA DE LARANJEIRAS, SERRA/ES.
FONE: (27) 99765-9832

SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29.933-415
FONE: (27) 3313-0000 / E-MAIL: SECRETARIA.MESTRADO@IVC.BR

São Mateus, ____ de _____ de 20____ .

Nome e assinatura do(a) participante

Nome e assinatura do(s) pesquisador(es)